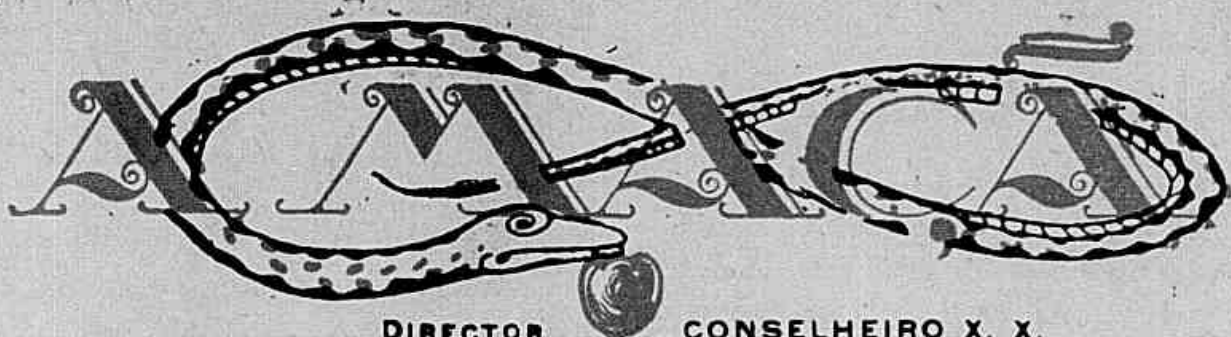




DIRECTOR

CONSELHEIRO X. X.

EM NOME DA 'LEI'



— Olhe, Cupido, eu pago a multa ; mas só a você...

Na proxima semana

**"CARVALHOS E ROSEIRAS"**

(Figuras politicas e literarias)

— POR —

**Humberto de Campos**

(DA ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS)

ESTUDOS CRITICOS SOBRE:

Olavo Bilac — Antonio Lemos — Lenine — Afranio Peixoto — Rivadavia Corrêa — Gomes de Souza  
Elyseu Cesar — Felix Pacheco — Alberto Deodato — Alcindo Guanabara — Castro Menezes  
Francisco Glycerio — José Oiticica — Pedro Lessa — Bastos Tigre — Paderewsky — Ronald de  
Carvalho — Paulo de Frontin — Inglez de Souza — Floriano Peixoto — Maria Eugenia Celso  
Alberto I — Guilherme de Hohenzollern — Prado Kelly — Tiradentes — Corrêa de Araujo  
José Verissimo — Xavier Marques — Leopoldo de Bulhões — Amadeu Amaral — Affonso  
Lopes de Almida — Luiz Carlos — Gastão da Cunha — Valdomiro Silveira — Guima-  
—:— —:— rães Passos — Papi Junior — Clemenceau. —:— —:—

UM VOLUME DE 300 PAGES.: 5\$000

EDITORIA

**LIVRARIA LEITE RIBEIRO**

RUAS BITHENCOURT DA SILVA, 15, 17 e 19 E 13 DE MAIO, 74 e 76  
RIO DE JANEIRO

# CAPIVAROL

## REI DOS TONICOS

Extracto do Oleo de Capivara glycerio-iodo-phosphatado  
E' o mais racional, o mais energico e o mais rapido  
de todos os fortificantes reconstituintes

### 21 KILOS EM 4 MEZES!



**José de Azevedo Netto**

Ha seguramente 2 annos que vinha soffrendo de pertinaz enfermidade que a nada cedia. Meu aspecto cadaverico de pallidez doentia, magreza excessiva, grande abatimento e fraqueza geral me faziam a vida triste.

Sentia forte dôr no peito e costas e frequentes dôres de cabeça, falta de somno e de appetite e fortes palpações no coração.

Com o uso de seu "CAPIVAROL" estou hoje como nunca me senti, tendo augmentado 21 kilos em 4 mezes.

JOSE' AZEVEDO NETTO  
Do 3º Batalhão em Diamantina.

### O CAPIVAROL E OS SEUS EFEITOS



Minha filha Octacilia, que desde os primeiros tempos de existencia era muito doentinha, tendo grande falta de appetite, horrivel pallidez, rosto sempre manchado e soffrendo de um corrimento branco, ficou inteiramente curada com o seu CAPIVAROL. Em signal de agradecimento sou hoje um fervoroso propagandista de seu preparado CAPIVAROL — O REI DOS TONICOS.

José Candido da Silva — Juiz de Fôra — Estado de Minas.

**Dá força aos fracos, gordura aos magros e energia aos exgotados**

**A' VENDA EM TODA PARTE**

## Cabellos Brancos?!

A Loção Brilhante faz voltar a côr primitiva em 8 dias. Não pinta porque não é tintura. Não queima porque não contem saes nocivos. E' uma formula scientifica do grande botanico dr. Ground, cujo segredo foi comprado por 200 contos de réis.

Analysada e autorizada pelos principaes Institutos Sanitarios do estrangeiro e Departamentos de Hygiene do Rio de Janeiro e S. Paulo.

Com o uso regular da Loção Brilhante:

- 1.º — Desapparecem completamente as caspas e affecções parasitarias.
- 2.º — Cessa a queda do cabelo.
- 3.º — Os cabellos brancos, descorados ou grisalhos voltam á côr natural primitiva sem ser tingidos ou queimados.
- 4.º — Detem o nascimento de novos cabellos brancos.
- 5.º — Nos casos de calvie faz brotar novos cabellos.
- 6.º — Os cabellos ganham vitalidade, tornam-se lindos e sedosos e a cabeça limpa e fresca.

A Loção Brilhante é usada pela alta sociedade de S. Paulo e Rio.

A' venda em todas as Drogarias, Perfumarias e Pharmacias de 1.ª ordem.

Preço de um vidro 7\$000; pelo correio 8\$000.

### A senhora está doente?

### Tem colicas Uterinas?

em 2 horas lhe aliviará, a

## Fluxo-Sedatina

### O grande remedio

### das senhoras

Emprega-se com vantagem nas colicas uterinas, mesmo de partos por ser energico calmante, e na insuficiencia menstrual, flores brancas, corrimentos, sendo estas duas ultimas affecções muito communs nas moças anemicas.

E' muito efficaz nos incommodos proprios das senhoras, sendo usada com optimos resultados nos Hospitales e Maternidades.

**Vende-se em todo o Brasil**

### EXPEDIENTE :

## "A MAÇA"

Semanario illustrado. — Director : Conselheiro X. X. — Proprietario : Humberto de Campos. — Redacção : Rua da Quitanda, 59

### ASSIGNATURAS

#### Estados :

|                        |         |
|------------------------|---------|
| Anno.....              | 25\$000 |
| Registrado (Anno)..... | 50\$000 |
| Numero avulso.....     | \$600   |

#### Capital :

|                    |       |
|--------------------|-------|
| Numero Avulso..... | \$300 |
| • atrozado ... ..  | \$600 |

#### Exterior :

#### Porte simples

|               |         |
|---------------|---------|
| Anno.....     | 50\$000 |
| Semestre..... | 30\$000 |

#### Registrado

|               |         |
|---------------|---------|
| Anno.....     | 60\$000 |
| Semestre..... | 35\$000 |

#### Agentes para os Estados :

Livraria LEITE RIBEIRO. — Rua Bettencourt da Silva, ns. 15, 17 e 19

#### Tabella para Annuncios :

|                 |          |                        |          |
|-----------------|----------|------------------------|----------|
| 1 pagina.....   | 200\$000 | 1/3 pagina.....        | 35\$000  |
| 1/2 pagina..... | 110\$000 | Capa a duas côres..... | 450\$000 |
| 1/4 pagina..... | 60\$000  | • • trez • .....       | 600\$000 |

Publicações no texto 5\$000 a linha, em corpo 7

Tratar na administração: Quitanda, 59

## AO COMMERCIO

Devido á nossa tiragem, crescente, a administração das officinas onde é impressa esta revista exige a entrega de originaes e fechamento da paginação na segunda-feira de cada semana, afim de poder confeccionar com tempo a expedição de quinta-feira para os Estados, e entrega ao distribuidor da cidade, na sexta-feira. Assim sendo, pedimos aos nossos amigos annunciantes, a fim de nos fornecerem os seus originaes aos sabbados ou, no maximo, ás segundas-feiras, até 3 horas da tarde.

Numeros atrozados, encontram-se :

**LIV RARIA LEITE RIBEIRO**

Rua Bettencourt da Silva, 15, 17 e 19 — **Rio de Janeiro**

**BRAZ LAURIA**

Rua Gonçalves Dias, 78 — **Rio de Janeiro**

**ANTONIO DE MARIA**

Rua da Boa Vista, 5 - A — **São Paulo**

**JOSÉ D'AMORE**

Rua Alvares Cabral, 39 — **Ribeirão Preto**

**PASCHOAL SCHIAMARELLA**

Rua da Imperatriz, 245 — **Recife**

**JOSÉ CALIXTO DE FREITAS**

Plano Inclinado do Gonçalves — **Bahia**

# TONICO MODERNO

— Dê-me C. 2 5 2 9.

E' o escriptorio do Dr. Zacharias?

— E' minha senhora; deseja fallar-lhe?

— Alô! é o Chiquinho?

— Sim... meu amor — é elle mesmo...

— Não te esqueças da promessa; vem mais cedo, no 3.50, pois a temperatura aqui está muito fria, as minhas noites aqui em Petropolis tem sido inspidas, sem a tua companhia.

— Sim!? — subirei no 3.50 ou 4.30.

— Alô — oh! Chiquinho ia-me esquecendo da encomenda que me fez a Yvonne. Ella pediu-me para comprares ahí em qualquer drogaria ou na rua da Quitanda dezesete um vidro de sexuol do qual faz uso o Dr. Martinho, o velhote do marido della; não te esqueças; pois ella m'o recommendou insistentemente...

Alô — Alô... Já querias desligar? Espera um pouquinho, lembrei-me que talvez fosse conveniente trazeres dois vidros do sexuol, um para experimentares, pois que andas tão esgotado e fatigado com os teus negocios, fóro, tribunas etc...

— Sim, amorinho, vou adquiril-os, mesmo porque o Souza já m'o havia recommendado como optimo.

Até logo á noite... adeus!



## SEXUOL

NAS DROGARIAS

EM S. PAULO

Rua Quintino Bocayua, 18

TUBO

Preço 10\$000

### DEPOSITOS:

Rodolpho Hess

Drogaria Baptista

» Gesteira

» Rodrigues

» Ruffier

» Central

» Granada

» V. Silva

» Gomes

» Pacheco

## Os brasileiros em Paris

E' dos «Potins de la manucure», do «Le Sourire», de Paris, n.º de 6 de setembro ultimo, o seguinte, que tem o titulo de «Dans ses bois»:

«Cette grande cantatrice, à qui son talent fait pardonner bien de fantaisies, était depuis plusieurs jours poursuivie par un jeune Brésilien qui voulait à toute force qu'elle devint sa maitresse.

Dans sa passion, calui-ci n'hésita même pas à se présenter chez l'artiste qui dut charger sa femme de chambre de l'éconduire. Or, l'autre jour, la soubrette vint trouver sa maitresse et lui annonça qu'elle était obligée de quitter son service:

— J'ai trouvé une situation, lui dit-elle.

— Quelle situation?

— Le type dont Madame n'a pas voulu; il me met dans mes bois et il m'emmène à Deauville.

La grande cantatrice et son ancienne servante prendront peut-être le thé ensemble à la Potinière.

A Europa continúa, como se vê, ou se lê, a curvar-se ante o Brasil...

## Agencia de "Publicações Mundiaes" do Braz Lauria

RUA GONÇALVES DIAS, 78 — Teleph. 1968 N.

RIO DE JANEIRO — BRASIL

|                                                                                         |        |
|-----------------------------------------------------------------------------------------|--------|
| Contos do vigario - interessante livro de blague...                                     | 2\$000 |
| Enciclopedia do amor-grande collecção de phrases, pensamentos e anedoctas.....          | 6\$500 |
| A vespera do noivado - conselhos aos noivos e aos recém-casados.....                    | 1\$500 |
| Para ler no banho. de Catullo Mendes.....                                               | 1\$000 |
| Perseverança no amor - por Eduard Green.....                                            | 1\$500 |
| A filha do peccado - novella realista de Invernizio..                                   | 1\$500 |
| Memorias de uma criada de servir - interessantissimo romance de aventuras galantes..... | 6\$000 |

Bibliotheca Sexual a 1\$000

O casamento - Onanismo - O acto breve - Hygiene Sexual  
Amores Lesbios - Segredos da casamento - O coito e o amor - A syphilis - Histerismo

|                       |        |                     |        |
|-----------------------|--------|---------------------|--------|
| Amores senis.....     | 1\$500 | O modelo vivo ....  | 3\$000 |
| Arte de gozar saude   | 2\$000 | A beira do leite... | 1\$500 |
| Arte de se fazer amar | \$500  | A filha perdida.... | 1\$500 |

Collecção Garota a 200 réis

Um passeio ao campo || Uma aventura de amor  
A ceia de Cleopatra || O banho de Adelina

|                                                                    |        |
|--------------------------------------------------------------------|--------|
| Da vida que passa - "fitas" por Armando Ferreira                   | 1\$500 |
| A tentadora - contos galantes .....                                | 1\$000 |
| Loucura de amor - contos galantes.....                             | 1\$000 |
| Soror Maria das Dores .....                                        | 1\$000 |
| Um passeio a Franciscana - novella ornada com 14 illustrações..... | 2\$000 |

Pelo Correio mais 500 rs.

(AVISO) — Pedimos aos nossos freguezes a maior clareza nos endereços para evitar extravios.



### **FLAMENGO**

Nas madrugadas primaveris...  
Banhando-se com bellas gentis,  
Appetitosas e «bôas» "guryrs"  
Ao doce queimar do arrebol  
Só mesmo muito... sexual!

CONCESSIONARIOS:

**HARGREVES & CO.**

RUA DA QUITANDA, 17

RIO

À venda em toda parte

DEPOSITO: NAS "DROGARIAS

EM S. PAULO

**Messias, Andreucci & Co.**

R. QUINTINO BOCAIUVA, 18



### **Nomes neutros**

Ha nomes, de sexo neutro, que põem em dificuldades o homem mais prevenido e ajudado do céu. Edwiges é um d'elles.

Ha dias appareceu na matriz da Gloria, no largo do Machada, um cavalheiro, acompanhado de um senhor e uma senhora, e de uma creada carregando uma creança. No baptisterio, o sacerdote predispoz tudo para o sacramento, e começou a solemnidade. Em certo momento indagou:

- O nome?
- Edwiges, — informou o pae.
- E o padre, um pouco depois:
- Homem ou mulher?



# FORMOSINA

**Amacia, Perfuma e dá côr,  
Aformosêa o rosto e realça  
a belleza.**

Faz desaparecer espinhas,  
cravos, manchas, sardas, pannos, etc.

DEPOSITARIOS:

Ourives, 88, S. Pedro, 82  
e Andradas, 29



Para quem vae ao cinema observar o trabalho dos artistas, desprezando os argumentos dos films, quasi sempre mediocres, é frequente a constatação de um facto interessante: papeis secundarios, desempenhados por artistas secundarios são, muitas e muitas vezes, mais apreciados do que o trabalho dos principaes personagens.

Temos observado tal facto innumeras vezes. E não somos nós os uni-

cos; tambem os directores americanos, cuja argucia nada fica a dever á de quem quer que seja, tambem elles descobriram tal cousa. E, é o que nos parece, assim se explica o apparecimento, actualmente frequente, de produções em que figuram quatro, cinco e mais artistas que, antigamente, enchiam a sós o programma com o brilho dos seus nomes.

Dentro em pouco, ninguem dirá: «Vamos ao Avenida, ao Pathé, ao Odeon, ver a Norma, Thomas Meighan, Valentino»; será obrigado a desfiar uma serie de nomes; a não ser que os absorva a todos no nome unico do seu predilecto, o que é mais provavel.

M.



O verdadeiro nome de Elmo Lincoln é Otto Linkenhelt. A proposito, conhecem os leitores o caso interessantissimo de uma acção intentada pelo conhecido actor contra a empresa que filmou «Tarzan, o homem macaco»? E' historia velha: trata-se do seguinte: quando se tratou de filmar o alludido film, Elmo foi obrigado a raspar todos os pellos do corpo. E, como dissessem que isto lhe iria robustecer espantosamente o vello, pediu elle uma indemnisação de cinco mil dollars. Mas a empresa pagou-lhe apenas mil, e o macaco (no film) zangou-se e propoz uma acção em juizo. Não sabemos se ganhou, se perdeu; em todo o caso mil dollars já é dinheiro... Quem não daria por esse preço todos os pellos pas-

sados, presentes e futuros?

Edyth Chapman trabalha no cinema desde 1917. Tem apparecido em papeis secundarios em muitos films de successo, como «O Bello Sexo», e muitos outros. Ainda recentemente, tivemos occasião de vel-a em «Homicida».



PEARL WHITE

Theda Bara é casada com Charles Brokin.

Enid Bennett faz vinte e um annos este mez. Enid é casada com Fred Niblo.

David Wark Griffith, o mais celebre dos directores cinematographicos do mundo inteiro, nasceu em La Grange, no estado de Kutucky, em 1880.

Trabalhou durante alguns annos como reporter de um jornal de Louisville; desgostando-se dessa profissão, decidiu tornar-se actor; e, depois de figurar pouco tempo no palco, passou-se com armas e bagagens para o cinema, em 1906. Começou modestamente na Biograph, mas em pouco começou a revelar as raras aptidões de que era dotado. Tornou-se director daquella empresa. Foi então que inventou o processo chamado «close-up», hoje universalmente adoptado na cinematographia. Em 1908 appareceu o seu primeiro film, intitulado «The adventures of Dollie». Depois abre-se a serie das geniaes produções que deviam consagral-o o «Principe dos Directores»: iniciou-a «O nascimento de uma Nação», em 1915; seguiu-se «Intolerancia», no mesmo anno «Caracões do Mundo», «Lyrio Partido», «Orphãos da Tempestade», serviram para augmentar o renome de que goza hoje.

Mary Pickford, Millian Gish, Mae Marsch, Richard Barthelmes Thomas Ince, Marschall Neilan, e todos os artistas e directores que tiveram a fortuna de ser guiados por elle, tiveram desde logo a consagração.

Douglas Fairbanks é natural de Deuver, Colorado, Ma-

## O SEU CASO NÃO É DESESPERADO

A Preparação do Dr. Crossman é um valioso medicamento para a Gonorrheia aguda ou chronica e toda a especie de enfermidades originadas por infecções genito-urinarias, tanto n'um como n'outro sexo. E' efficacissima para casos desceñdidos, porque actua directamente sobre as mucosas do systema genito-urinario, curando-as e estimulando-as até um ponto normal. Torna desnecessarias injeções ou irrigações e não produz incommo- do algum gastrico ou renal; pelo contra- rio, a sua acção benefica sobre a mucosa do estomago occasiona um vantajoso ef- feito laxante.

Pode haver a certeza de que a Prepara- ção do Dr. Crossman cumpre tudo o que outros tratamentos promettem. Um frasco de ensaio provará o seu merito; dois fras- cos bastam para os casos usuaes.

À venda em todas as principaes Pharmacias e Drogarias.

### Rodolpho Valentino

Estava sendo esperado em Paris, em ou- tubro corrente, o galan de cinema Rodolpho Va- lentino, que assumiu, na tela, o lugar de Wallace Reid. Considerado, neste momento, o homem «mais bem feito do mundo», apesar das suas orelhas enormes e da sua cabeça de filho do nordeste, o idolo das mulheres americanas encommendou, diz-se, para essa viagem, nada menos de oitenta ternos de roupa.

— Ora, que pena!...— gemeu uma dama parisiense. — Como é que a gente pode saber que elle é, realmente, bem feito?

E explicando-se:

— Eu pensava que elle viesse nú...

### Comp: de Loterias Nacionais do Brasil

Extrações publicas sob a fiscalização do Governo Federal, ás 2 1/2 e aos sabbados ás 3 horas.

Rua Visconde de Itaborahy N. 66

Hoje, 20 de Outubro, ás 3 horas da tarde

# 100:000\$000

Bilhete inteiro 9\$000

Os bilhetes para essas loterias acham-se á venda na sede da Companhia á Rua 10. de Março, 110

### A palmada

No ultimo dia de sol da semana passada, madame, que é pequenina e graciosa, foi tomar o seu banho de mar, em frente ao posto 2, em Copacabana. Ao sahir, escorrendo agua, com a roupa agarrada ao corpo, procurava, com as cos- tas para o mar, abotoar o sapato de panno, quan- do sentiu uma palmada violenta, applicada com toda a vontade.

— Ui!...— gritou madame, virando-se.

Ao dar de cara com um cavalheiro gordo, barrigudo, calção pelo joelho, ficou rubra, de colera.

— Perdão!— fez o sujeito, recuando atra- palhado.

E esfregando as mãos, agoniado:

— Eu suppuz que fosse minha mulher!

E afastou-se envergonhado.



### Com o uso do Biotonico Fontoura

observa-se o seguinte :

- 1.—Sensível augmento de peso.
- 2.—Levantamento geral das forças.
- 3.—Desapparecimento do nervosismo.
- 4.—Augmento dos globulos sanguineos.
- 5.—Eliminação da depressão nervosa.
- 6.—Fortalecimento do organismo.
- 7.—Maior resistencia para o trabalho physico.
- 8.—Melhor disposição para o trabalho mental.
- 9.—Agradavel sensação de bem estar.
- 10.—Rápido restabelecimento nas convalescenças.

### Telephone do Especialista

— O meu amigo bem sabe o que tem gasto e quanto tem soffrido com essa prostatite.

Deixe-se de mais experiencias com remedios novos... no nome.

— O BLENOL é o unico específico consagrado ha muitos annos.

Torne a usal-o como manda o autor, e verá que a prostatite logo desapparece, sem fazer a operação.

**CAMISAS DE DIA**

|                     |        |
|---------------------|--------|
| Com á jour.         | 3\$900 |
| Com bordados.       | 4\$800 |
| Com bordados finos. | 5\$500 |

**CAMISAS DE NOITE**

|                       |        |
|-----------------------|--------|
| Com bordados.         | 6\$800 |
| Com bordados finos.   | 8\$500 |
| Com bordados suissos. | 9\$500 |

**CALÇAS**

|                     |        |
|---------------------|--------|
| Com á jour.         | 3\$500 |
| Com bordados.       | 4\$000 |
| Com bordados finos. | 4\$800 |

**PANNOS DE CÓPA**

|       |         |
|-------|---------|
| Duzia | 16\$800 |
| Duzia | 22\$800 |
| Duzia | 28\$000 |

**GUARDANAPOS CHÁ**

|       |        |
|-------|--------|
| Duzia | 3\$800 |
| Duzia | 6\$400 |

**GUARDANAPOS DE MEZA**

|       |         |           |         |
|-------|---------|-----------|---------|
| Duzia | 50 x 50 |           | 12\$000 |
| Duzia | 50 x 50 |           | 15\$000 |
| Duzia | 60 x 60 |           | 18\$500 |
| Duzia | 60 x 60 | 1/2 linho | 28\$000 |
| Duzia | 60 x 60 | inglezes  | 45\$000 |

---

# **ROYAL STORE**

---

**187, Rua do Ouvidor, 189**



ry Pickford, sua mulher, nasceu em Toronto, Canadá, assim como seu irmão, Jack Pickford.

Bryant Washburn é casado com Mabel Forrest.

Marie Mosquini é filha de pae italiano e mãe franceza.

A Paramount mantém em Hollywood uma escola para aspirantes ao cinema. O Director é Cecil B. De Mille e conhecido producer, e o curso consta das seguintes materias: Theoria e pratica do Photodrama, professor, William De Mille; Valores pictoricos, Penrhyn Stanlaws; Historia da cinematographia, George Melford; Esgrima e Bailados, Theodore Kosloff; Cultura Physica, Norman Selby; Vestuarios historicos, Paul Iribe; Architectura e decoração, Max Parker; Cinematographia e effeitos de luz, Alvin Wyckoff; Mimica George Fitzmaurice; Argumentos, Frank E. Woods; Caracterisação, George Fawcett e Theodore Roberts; Photocomedia, James Cruze.

Dizem que Rudolph Valentino é americano do norte e chama-se McGinis. Mas o actor contesta, dizendo chamar-se Guglielmi, e ser natural de Castelalnetta, Italia.

Thomas Meighan nasceu em Pittsburgh. Começou a estudar medicina, carreira que abandonou para entrar para uma companhia theatral.

O film que o consagrou, foi indiscutivelmente «O homem miraculoso», tão admirado entre nós. Thomas Meighan tem olhos azues e cabellos castanhos. O seu sport favorito é a natação.

O successo dos films da Metro, em que figura Alice Terry é infallivel. Desde que appareceu em «Os quatro cavalleiros do Apocalypse» e «O prisioneiro do Castello de Zenda», a linda actriz conquistou um sem numero de admiradores. E é de notar, que Alice Terry não teve, como a maior parte das suas collegas de cinema, uma longa carreira, antes de attingir a posição que hoje occupa. Figurou como extra em alguns films, e depois foi escolhida por Ingram para principal personagem feminino em «Os quatro Cavalleiros do Apocalypse».

Lillian Gish fez annos no dia 14 de Outubro.

Lionel Barrymore casou-se, a 14 de Julho do anno corrente, com Irene Feuwick. O casamento realizou-se em Roma.

Em «Spice of life», da Universal, os principaes papeis estão a car-

go de Hallam Cooley, Beatrice, Burnham, C. L. Sherwood, Arthur Millette, Gordon Clifford, e Laura La Vernie.

O ultimo film de Priscilla Dean para a Universal chama-se «The Storm Daughter».

Estelle Taylor, William Scott, Pauline Garon, Joseph Swickard, Vernon Steele e outros bons artistas appareceram juntos em «Forgive and forget» produzido por Harry Cohn.

Louisa Fazenda, Doris May, Rosemary Theby Stuart Holmes, Greighton Hale, Ralph Lewis, são artistas de sobejo conhecidos, da nossa platéa, que tomam parte em «Tea With a Kick», da Associated Exhibitors.

Em «Meadnest Mam in the World» figuram artistas de merito reconhecido, como Bert Lytell, Blanche Sweet, Bryant Washburn, Marion Aye e Lincoln Stedman.

Nascido em Shelby County, no estado americano de Alabama, no anno de 1878, Henry B. Walthall trabalha no cinema ha 13 annos.

Antes trabalhou no theatro, tendo estreado no palco com a idade de 18 annos, depois de completar sua educação no Colorado.

Entre os films de maior successo em que tem tomado parte, conta-se o grande film de Griffith, «The Birth of a Nation», que o consagrou.

«My Man» é o ultimo trabalho de Pola Negri. Será seu leading-man o conhecido actor francez Charles de Roche.

Em «The North of 36», da Paramount, dirigido pela competencia de James Cruze, apparecem, entre outros, Lila Lee, Jack Holt, Ernest Torrence e Wallace Beery.

Pauline Garon e Jack Mulhall figuram no film «The Marriage market» da C. B. C.

DR. PAPAFITA.

**ELIXIR**  
**DE NOGUEIRA**  
De pharmaceutico-quimico  
**JOÃO DA SILVA SILVEIRA**  
.....  
**Grande depurativo do sangue**  
Para syphilis e suas terriveis  
enfermidades.  
.....  
**USAE! USAE! USAE!**

**Quer ficar forte ?**  
**Tome as refeições o**  
**Arsenicum Iodatum Composto**  
O melhor Tónico e Fortificante  
da Homœopathia  
**VIDRO, 3\$000**  
Depositaríes e Fabricantes:  
**DE FARIA & C. - RUA S. JOSÉ, 75**





Director: **CONSELHEIRO X. X.**

OS CONTOS DO CONSELHEIRO

## AS SURPRESAS DO ALÉM

Ha quatro ou cinco semanas as nossas sessões de espiritismo, no palacete dos Pereira Guedes, eram perturbadas por aquelle espirito inconveniente. Mal installavamos a mesa, e invocavamos qualquer amigo do Além, lá se vinha o intruso, á semelhança d'esses cachorrinhos famintos que se fazem o alvo de qualquer agrado dirigido aos outros. Chegava a ser irritante.

— O melhor seria attendel-o logo. Quem sabe se elle não tem alguma cousa de urgente a comunicar? — lembrou o almirante Bermudes, limpando os oculos, mechanicamente, com uma folha de papel de sêda.

Acceito esse alvitre, fizemos a chamada de um companheiro nosso fallecido se manas antes, e quem appareceu foi, como de costume, aquelle a quem davamos, por pilheria, a denominação de «espirito desconhecido». Convidado a falar, disse, com a precipitação de quem se acha em atraso, a que ia.

— Sou Nicolau Pedreira Borges, — disse, nervosamen-

te. — Fui commerciante no Rio, onde casei, e aonde vive ainda minha viuva, Dona Marcella, com oito filhos.

— Quer o irmão alguma mensagem para Dona Marcella? — indagou o commendador Agostinho, que presidia a sessão.

— Não, — respondeu, secamente, o espirito. — Quero, apenas, contar-lhes a minha historia, para edificação dos homens de boa-vontade.

E, logo, precipitando as palavras:

— Eu fui casado, na terra, com Dona Marcella Cunha... Era um marido exemplar... Sem grandes recursos de fortuna, fomos viver em companhia do meu primo Isidoro... Isidoro Xavier... casado tambem. As duas familias eram muito amigas... muito ligadas... Casado antes de mim, o Isidoro não tinha filhos... Nunca os tivera... Ao fim do primeiro anno de casado, Marcella deu-me o primeiro... Outros vieram, depois... Vieram oito, ao todo... Na grippe de 1918,

### DURA LEX...



— Da semana vindoura em diante, só me encontrarás vestida; sabes?



**DESINFECTAR**  
**E**  
**BEXIGA**  
**E**  
VIAS URINARIAS  
é tão necessário  
como a alimentação.  
**E'**  
**INDISPENSÁVEL**  
O USO PERIÓDICO  
DE  
COMPRIMIDOS  
DE  
**UROTROPINA**  
**SCHERING**

# Venus e Mercurio

Conto de **Salles Guarany**

No Alvear, naquelle ambiente frio, de uma tarde de inverno, bebia eu voluptuosamente a minha chicara de chá «glacée», admirando aquellas figurinhas artificiaes que entravam ou saham, beijando-se nas faces «rosées». Os braços de fóra, mostrando as axilas escuras, sorriam vagamente para os espelhos, mostrando os dentes brancos ao fundo de dois labios vermelhos. Sentavam-se, escolhiam qualquer cousa na carta, deixavam a marca da bocca no guardanapo, e lá se iam, de novo, porta em fóra, bamboleando-se por baixo da seda com os requiebro de bonecas de molla.

Um perfume quente, de carnes femininas e essencias misturadas, aquecia a atmospheria. E eu assistia, com indiferença, a essa orgia da vaidade humana, vendo passar essa romaria de flores vivas, trescalantes de desejo e de peccado, quando penetrou no salão, feitiçeira e divina, a mundana famosa, fazendo faiscar na penumbra convidativa as duas esmeraldas liquidas dos seus olhos fascinadores.

O seu sorriso, partindo daquelles labios rubros, eram como uma joia viva, que voasse de um cofre carmezim. Os braços, de fóra até muito acima dos cotovellos, pareciam trabalhados por artistas immortaes, que os tivessem concluido na vespera. As mãos eram como lírios vivos, com o rubi de uma unha na ponta mimosa de cada petala.

Cercava-a, então, um halo de misterio. Os seus traços de circass'ana, emprestavam-lhe á phisionomia o encanto prestigioso das mulheres fataes. Deviam ser assim os olhos de Helena. Cleopatra possuia, com certeza, aquella voluntariedade de expressão. O seu rosto, era, em summa, a photographia viva de uma grande vontade, de um desses temperamentos feitos, na terra, para o dominio do mundo.

A verdade era, porém, que alli estava uma esphinge humana. Diziam-na uma expatriada, uma fidalga de alta linhagem arrastada

na catastrophe que derrubara o throno dos czares. O proprio amante, um millionario que se arruinava satisfazendo-lhe os caprichos menores, ignorava, entretanto, o segredo daquelle vida.

A' sua entrada, no salão, o Alberto, o «parvenu» que a guerra enriquecera e a mundana empobrecia, sahiu ao seu encontro, sentando-se, os dois, á mesma mesa.

— Garçon, um «cacaú»!

Servido o licor, a rapariga humedeceu com elle os labios ardentes, sahindo, em seguida, com o amante. Em frente a uma joalheria, pararam, olhando a vitrine. Trocaram algumas palavras, e entraram. Um empregado accorreu.

— Anneis, com esmeraldas e perolas, — pediu o Alberto.

Em um instante o balcão esmaltou-se de caixinhas de velludo, em cujo bojo fulgiam, como num encantamento, as mais delicadas combinações de ouriversaria. E a rapariga sorria, deslumbrada, feliz, um sorriso fascinador, incomparavel, indefinivel. Ella escolheu: elle pagou.

A' sahida dos dois, o empregado, que a conhecia, sorriu, tambem.

— Vejam só, — exclamou. — o que é a justiça do céu!

E referindo-se á fortuna que o Alberto conquistara no commercio, e ao modo porque a consumia:

— O que Mercurio dá, Venus tira!

Mas alguém, um freguez, que estava ao lado, o apartou:

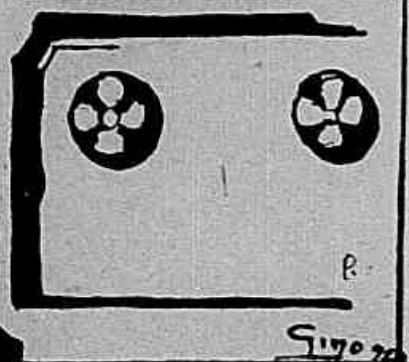
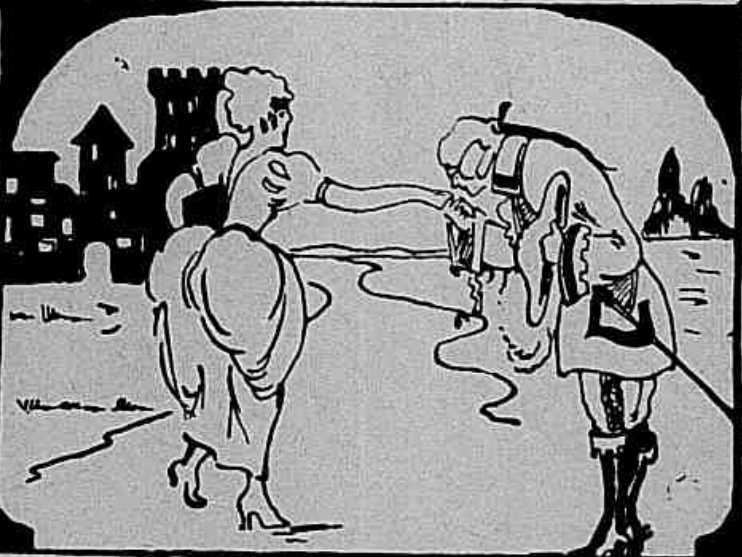
— Pelo contrario, meu amigo; muito pelo contrario.

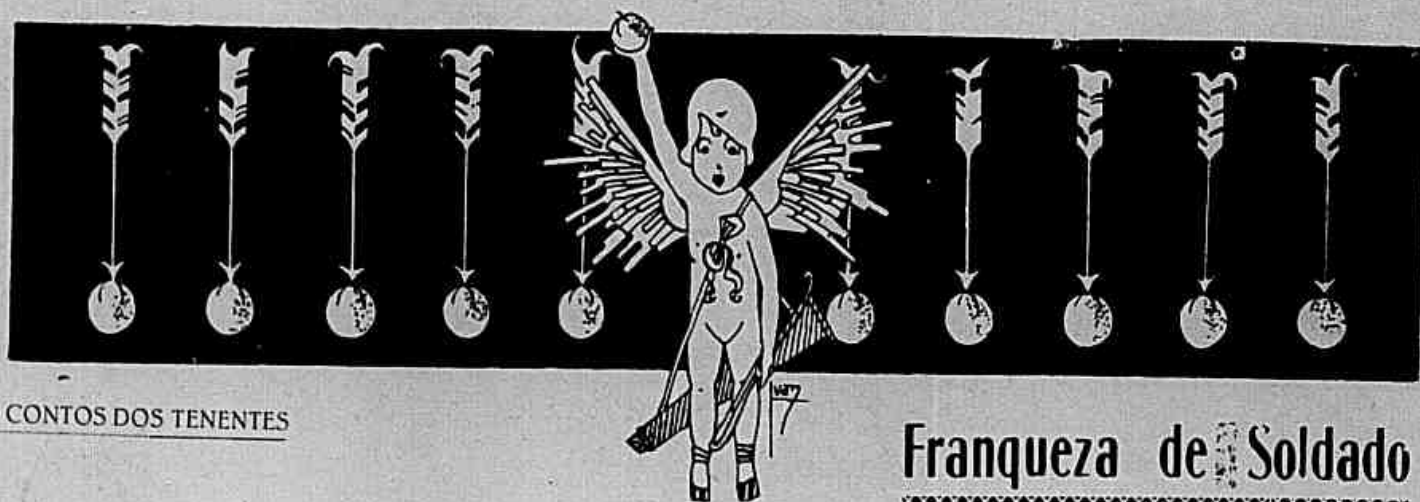
E com convicção:

— O que Venus dá, Mercurio tira!

E bateu no bolso, onde levava, a caminho do dr. Eduardo Rabello, uma caixa de injeção.

**Salles Guarany**





OS CONTOS DOS TENENTES

## Franqueza de Soldado

Não obstante os seus sessenta annos, o coronel Paulino de Amoreira é um dos galans mais temíveis da Avenida. Ardente e corajoso, a sua vida tem sido uma campanha continua, ora conspirando contra os maridos, ora contra

os poderes constituídos, valendo-lhe isso, de vez em quando, um passo de carga para traz ou uma transferencia para as guarnições de Matto-Grosso.

Moreno, bigode quasi branco, mas de face moça, o illustre militar não teme confronto com qualquer rapazola destes tempos. Ao disputar a qualquer d'elles uma presa, pode-se ficar certo de que o almofadinha baterá em retirada, deixando o valoroso competidor inteiramente senhor do terreno. E nem se diga que essa victoria é, sempre, uma consequencia do prestigio da farda, pois que o coronel anda, geralmente, á paisana.



E era á paisana que elle estava, ha dias, no «Parisiense», quando se sentou ao seu lado uma senhora quarentona, mas ainda bonita, cujo corpo encheu inteiramente a cadeira, extravasando, ainda, para a dos vizinhos. Certo

de que se achava na sua propriedade, o coronel não evitou o contacto. E estava quieto no seu logar, quando, num dos intervallos, a dama se voltou para elle, irritada:

— Ora, cavalheiro, seja mais delicado! Seja mais civil!

— Ah, minha senhora! civil é uma cousa que não poderei ser! — protestou o visinho.

— Pois, todo o homem tem a obrigação de ser civil.

— Menos eu, minha senhora.

E com gravidade:

— Eu não sou «civil» porque sou... «militar»!

TENENTE MARTINS

fomos, eu e o Isidoro, atacados... Desencarnamos quasi no mesmo dia... elle a 20, eu a 21 de outubro...

Uma pequena pausa, e o espirito continuou:

— Chegando aqui, no astral inferior, encontrei ainda o Isidoro, que aguardava admissão... Havia espirito demais para entrar, e o serviço estava um pouco demorado... Afinal, entrei.

Outra pausa. E proseguíu:

— A' entrada, aqui, ha, porém, um serviço de identificação, para classificação dos que vão chegando. Ao espirito que deixou filhos na terra, dá-se um manto azul... Aos que não deixaram, dá-se um manto branco... Fiquei, por isso, intrigado, quando me deram na portaria um manto branco, empurrando-me para o recinto da Eternidade, sem admittir protestos nem me darem qualquer explicação...

Nova pausa, e o seguimento:

— Suppoz, naturalmente, um engano, uma confusão, natural nesses dias de grande concorrência... Entrei com o meu manto branco, que me classificava a mim, pae de oito filhos, entre os que não haviam deixado descendência; e alli estava, quando tive, ha um mez, o primeiro encontro com o espirito do Isidoro... Fiquei intrigado... intrigadissimo...

E numa exaltação:

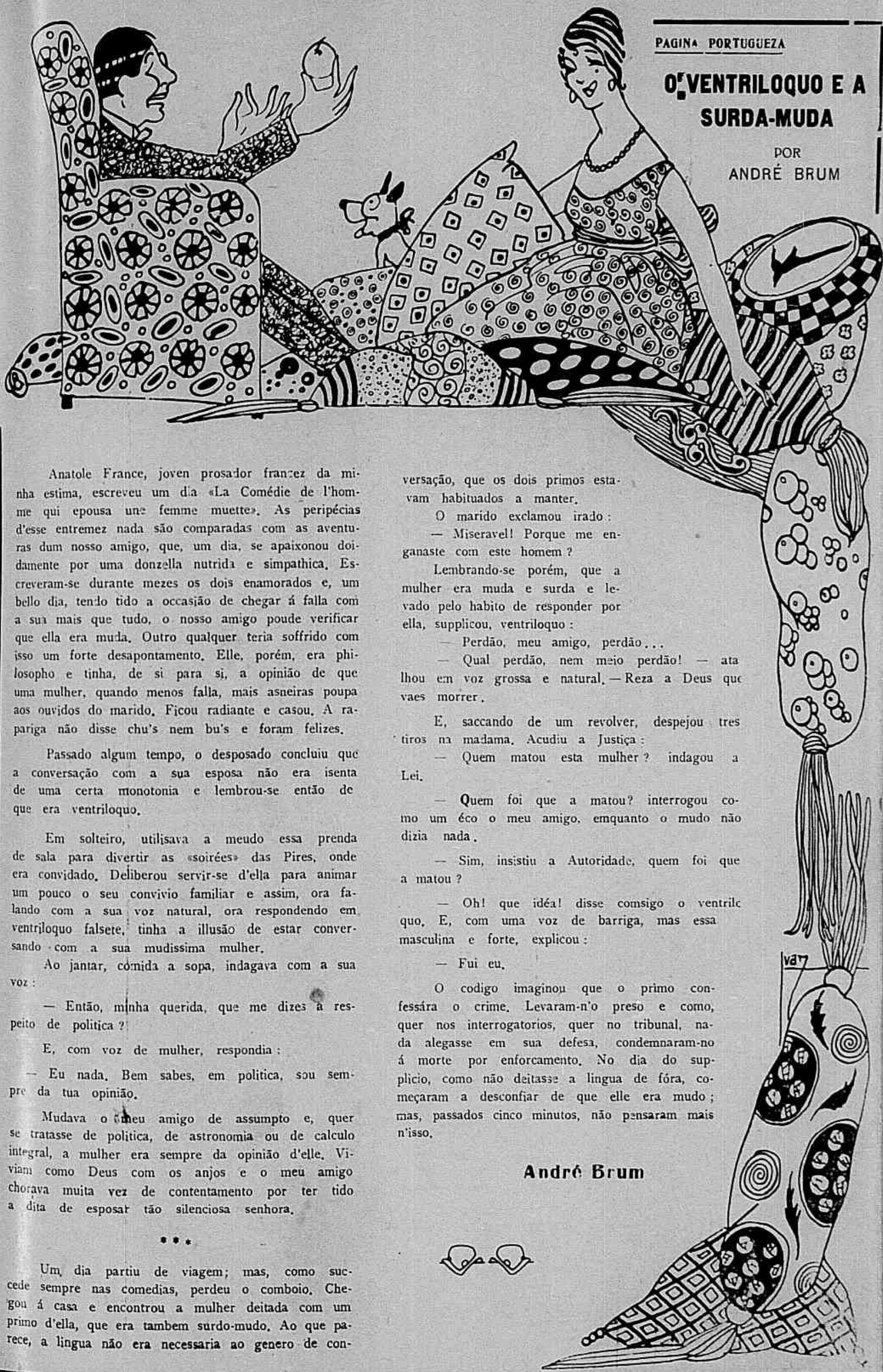
— Queria que me dissessem, d'ahi, porque é que o Isidoro, cuja mulher nunca teve um filho, anda, aqui, vestido de azul!...

E enfraquecendo a voz, como quem se perde, num soluço, no infinito:

— Vestido... de a...zu...l...

PAGINA PORTUGUEZA

## O VENTRILOQUO E A SURDA-MUDA

POR  
ANDRÉ BRUM

Anatole France, joven prosador francez da minha estima, escreveu um dia «La Comédie de l'homme qui épouse une femme muette». As peripécias d'esse entremez nada são comparadas com as aventuras dum nosso amigo, que, um dia, se apaixonou doidamente por uma donzella nutrida e sympathica. Escreveram-se durante mezes os dois enamorados e, um bello dia, tendo tido a occasião de chegar á falla com a sua mais que tudo, o nosso amigo poudo verificar que ella era muda. Outro qualquer teria soffrido com isso um forte desapontamento. Elle, porém, era philosopho e tinha, de si para si, a opinião de que uma mulher, quando menos falla, mais asneiras poupa aos ouvidos do marido. Ficou radiante e casou. A rapariga não disse chu's nem bu's e foram felizes.

Passado algum tempo, o desposado concluiu que a conversação com a sua esposa não era isenta de uma certa monotonia e lembrou-se então de que era ventriloquo.

Em solteiro, utilisava a meudo essa prenda de sala para divertir as «soirées» das Pires, onde era convidado. Deliberou servir-se d'ella para animar um pouco o seu convívio familiar e assim, ora falando com a sua voz natural, ora respondendo em ventriloquo falsete, tinha a illusão de estar conversando com a sua mudissima mulher.

Ao jantar, comida a sopa, indagava com a sua voz:

— Então, minha querida, que me dizes á respeito de politica?

E, com voz de mulher, respondia:

— Eu nada. Bem sabes, em politica, sou sempre da tua opinião.

Mudava o meu amigo de assumpto e, quer se tratasse de politica, de astronomia ou de calculo integral, a mulher era sempre da opinião d'elle. Viviam como Deus com os anjos e o meu amigo chorava muita vez de contentamento por ter tido a dita de esposar tão silenciosa senhora.

\*\*\*

Um dia partiu de viagem; mas, como succede sempre nas comedias, perdeu o comboio. Chegou á casa e encontrou a mulher deitada com um primo d'ella, que era tambem surdo-mudo. Ao que parece, a lingua não era necessaria ao genero de con-

versação, que os dois primos estavam habituados a manter.

O marido exclamou irado:

— Miseravel! Porque me enganaste com este homem?

Lembrando-se porém, que a mulher era muda e surda e levado pelo habito de responder por ella, supplicou, ventriloquo:

— Perdão, meu amigo, perdão...

— Qual perdão, nem meio perdão! — atalhou em voz grossa e natural. — Reza a Deus que vaes morrer.

E, saccando de um revolver, despejou tres tiros na madama. Acudiu a Justiça:

— Quem matou esta mulher? indagou a Lei.

— Quem foi que a matou? interrogou como um éco o meu amigo, enquanto o mudo não dizia nada.

— Sim, insistiu a Autoridade, quem foi que a matou?

— Oh! que idéa! disse consigo o ventriloquo. E, com uma voz de barriga, mas essa masculina e forte, explicou:

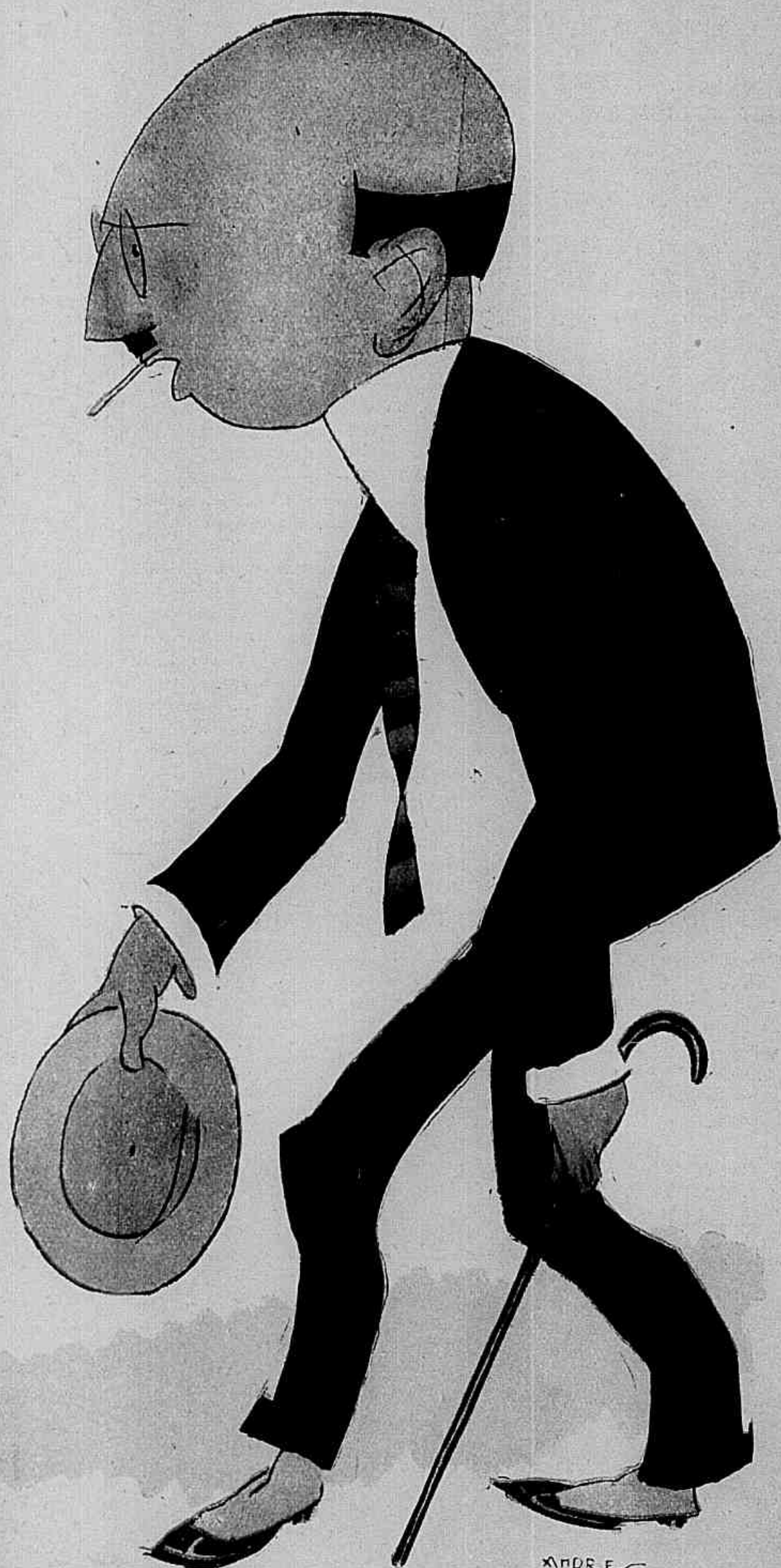
— Fui eu.

O codigo imaginou que o primo confessára o crime. Levaram-n'o preso e como, quer nos interrogatorios, quer no tribunal, nada alegasse em sua defesa, condemnaram-no á morte por enforcamento. No dia do supplicio, como não deitasse a lingua de fóra, começaram a desconfiar de que elle era mudo; mas, passados cinco minutos, não pensaram mais n'isso.

André Brum



## GALERIA DIPLOMATICA



( Como S. Excia. vae muito depressa e com ares de quem não quer ser visto, nós, por discreção, não lhe dizemos o nome... )

# O RATO

CONTO DE  
CATULLE MENDÈS

No salão gracioso, em que a janella aberta deixa entrar o perfume suave das rosas, entre os retalhos esparsos, as fitas, as rendas, as «aigrettes», estão agrupadas, fazendo laços, todas as formosas de então,

que trescalam ambar e espalham, a cada movimento da cabeça, uma nuvem de pó de arroz; todas essas encantadoras figurinhas desaparecidas, que Edmundo e Jules de Goncourt fizeram reviver em um li-

vro inesquecível: Mme. de Choiseul, um pouco melancólica ainda da paixão que lhe despertou o musico Luiz; Mme. D'Arty, que janta na Guimart e conta, espontaneamente os «lindos horrores» das pequenas casas; e essa extravagante Mme. de Stainville, sempre enamorada de Clairval, que a espanca e arruina; e «lady» Sarah Lenox, irmã do duque de Richmond, que possuía, a acreditar em Lanzun, a mais formosa garganta do mundo; e Mme. D'Epinay, que não esquece jamais esta frase ouvida numa tarde de campo: «o pudor? bella virtude! que cada um a prenda em si com espinhos»; e Mme. a marquesa de Lignolles, que se bateu em duello, uma semana antes, com a condessa de Gevres, por causa de Michu, da Comedia Italiana; e outras, e outras ainda, pilheriando e rindo entre as sedas e as musselinas, enquanto o pequeno Abbade folheia, a um canto, a brochura nova que o alfarrabista acaba de trazer-lhe, e cantarola: «Pour un baiser cuellit sur les lèvres d'Iris!»

Mas, de repente, este grito:

— Um rato!...

Sim, um rato, subido do jardim, tinha vindo metter-se dentro de casa. Tinham-no visto atravessar o sa-

tumulto de vestidos assustados, um grazinar de pequenos gritos. Um rato é capaz de se metter pelas saias, subindo nas pernas! Mme. de Stainville affirma que o sentiu passar, ligeiro, entre os seus calcanhares.

— Eu creio que elle se metheu debaixo da minha cadeira! — informa a condessa de Gevres, um pouco pallida.

Mme. de Choiseul lembra a conveniencia de ir-se buscar um gato.

— Ai! elle me mordel... — grita, de subito, Mme. D'Arty.

— Onde? — indaga o Abbade.

Lady Sarah Lenox, toda tremula, perdeu a cabeça a ponto de abrir o seu corpete, para ver se o rato se não foi aninhar entre os seus dois seios de neve e rosa. E o pavor cresce sempre, é um «bruhaha» em augmento, um barulho de panico.

— Acredita que elle seja venenoso, Abbade?

Só a marquesa de Lignolles se deixou ficar sentada, imperturbavel. E' uma creatura corajosa, que, antes de adorar Michu, não tinha temido, segundo se conta, affrontar a ternura brutal de dois famulos, dois rapagões enormes, um hollandez, outro allemão. Calma, serena, sem um gesto de receio, a marquesa se abaixa dignamente, e, tirando de sob a saia, pela cauda, o rato que se havia emmaranhado nas rendas, apresenta-o ás companheiras.

— Tanto barulho por uma cousa tão pequena! — diz.

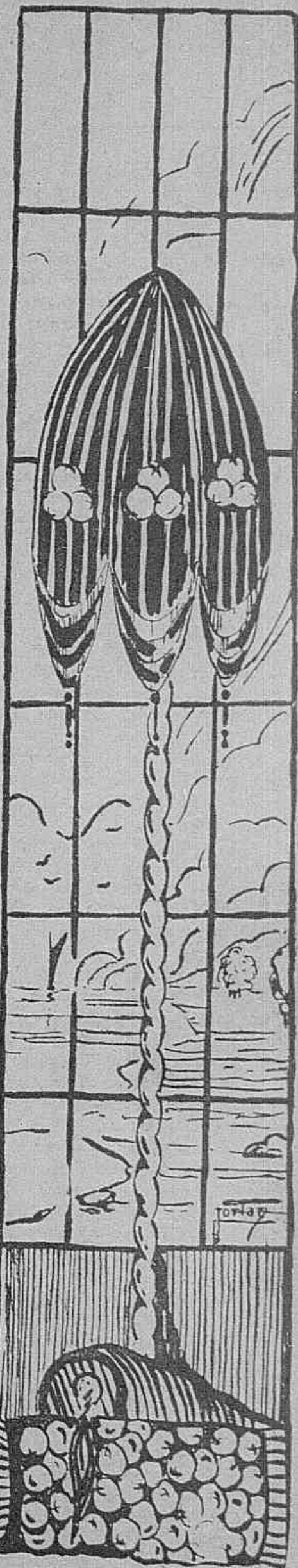
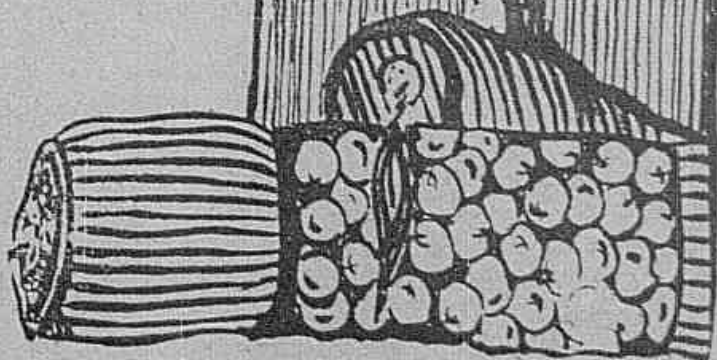
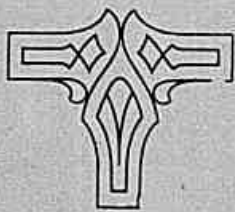
E com desprezo:

— Parece que vocês nunca viram outros...

*Catulle Mendès.*



lão, não muito grande, não importa, mas, de qualquer modo, mettendo medo. Onde estaria elle, porém? Onde se teria ido metter? As senhoras levantam-se, querendo fugir. E' um



## A SENHORA CASADA

CONTO DE

BATU ALLAH

Das quatorze empregadas do grande «magazin» de modas, era a Fernanda Ramos a única que possuía cara de tristeza. Durante o dia, despachando a freguezia numerosa e elegante, as outras faziam pilherias, conversavam, riam, commentando ora uma cousa, ora outra. Ella, só, não se mettia na conversa, aventurando a menor brincadeira, ou dirigindo qualquer gentileza ao freguez. Era secca e triste como arvore do Deserto, ou como roseira de casa desalugada.

— Tu pareces viuva recentel — censuravam as outras.

E algumas procurando fazel-a rir:

— Quando morreu teu marido? Heim?

A' noitinha, fechado o estabelecimento, cada uma das raparigas era esperada, á esquina da Avenida ou no ponto do bonde, pelo respectivo apaixonado. A Ruth, noiva de um empregado da Light, era aguardada, no canto, por um estudante de Medicina. A Graziella sahia com um primo, a Adelaide com o «reporter» de um jornal da tarde e a Fanny, muito loura, com o caixa da leiteria, que a estava empanzinando com os seus presentes de doce de leite. Até a Maria, que era mais uma creada do que uma costureira, era esperada na Avenida por um «chauffeur» de carro de praça, o qual a conduzia de automovel aberto, um dia sim, outro não, até á esquina da rua em que a rapariga morava. Só ella, a Fernanda, sahia sosinha, com os seus olhos tristes e a sua cara de sofrimento, como se fizesse, todas as noites, sentinella ao corpo de um parente.

Aquella vida era, positivamente, o tumulto de um misterio. E foi esse misterio que a Felicianinha, uma das empregadas mais sérias da casa, conseguiu desvendar, insinuando-se na amizade e na confiança da moça.

— Tu tens alguma cousa que te preoccupa; não tens?

— Eu? Tenho, minha filha, — confessou a outra.

— Namoro não correspondido?

— Não

E num gesto de franqueza:

— Queres que te diga a verdade? O meu soffrimento é por vêr, dia a dia,

fugir o maior sonho da minha vida. Sem pae, sem mãe, vivendo na casa de um tio, a minha ambição foi, toda, possuir a minha casa, o meu lar, e, nelle, um homem que me adorasse. Foi, em summa, viver como uma verdadeira senhora casada, com essa familiaridade que eu vejo em todos os lares, e que nunca terei, talvez, na minha vida!

— Por que não procuras, então, um noivo?

— Não tenho geito, filha. Ha, é verdade, um homem que me procura, me segue, e, ao que parece, me ama com sinceridade. E' o Xavier.

— E por que não casas?

— Não é possível. Elle é casado.

— Ora, isso é o menos.

— Sim, eu sei. Elle mesmo já me disse que se separará da familia, indo nós viver, os dois, como casados.

— E não acceitaste?

— Não. Tive medo.

— Tóla!

Seis mezes depois, a vida no «magazin» continuava a mesma. Os namorados, com pequenas excepções, continuavam firmes, faltando entre as mulheres apenas a Fernanda, para quem o Xavier havia montado uma casa muito chic, muito graciosa, para as bandas da Gavea. E foi ao entrar no estabelecimento, pela manhã, que a Felicidade participou, um dia, ás companheiras:

— Sabem quem eu vi hontem? A Fernanda!

— A Fernanda? Casada?

— Casada, não. Mas vivendo como verdadeira senhora casada.

E justificando:

— Vive em casa propria, com todo o conforto, adorada pelo marido.

— E amante?

— Teu um.

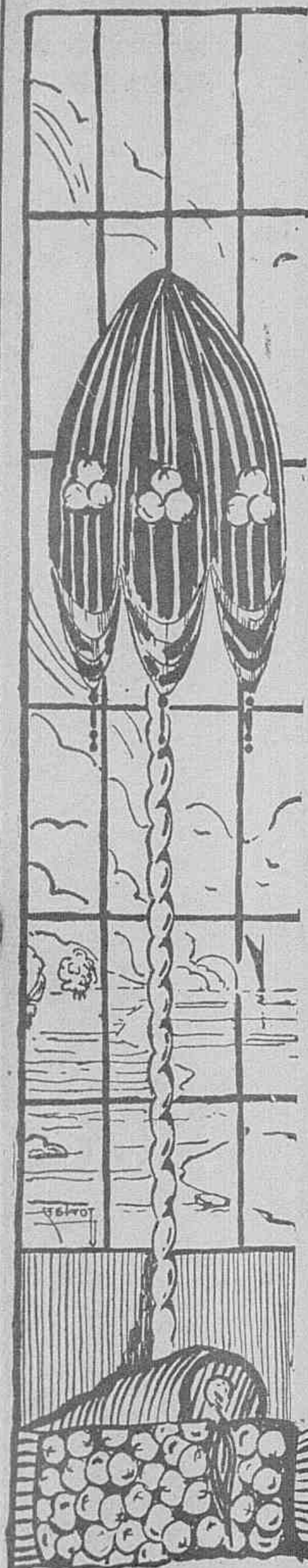
— Ahn!... — fizeram as anti companheiras, com inveja.

E num commentario ingenuo:

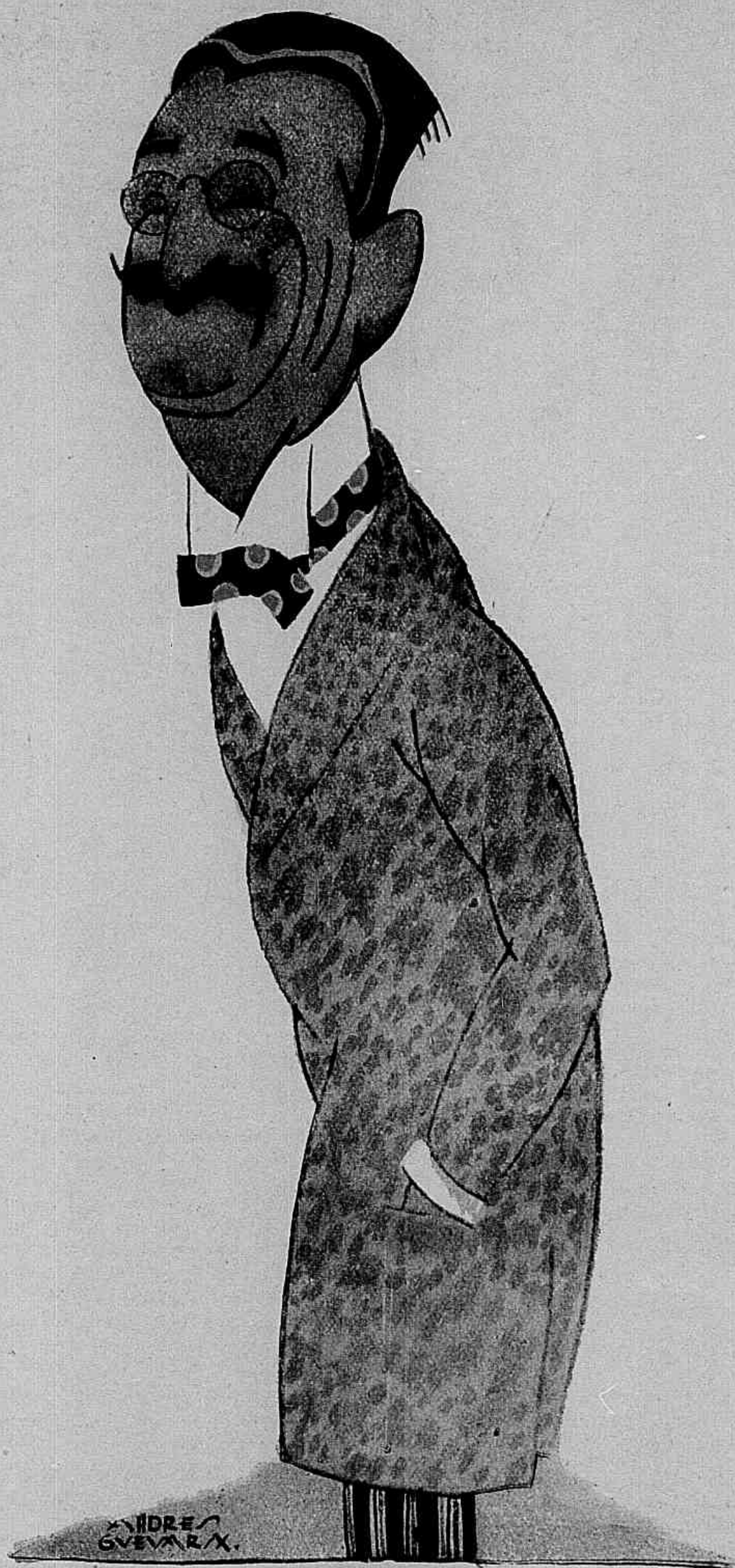
— Então, está como quer:

ella sempre desejou viver como uma perfeita senhora casada!...

Batu Allah.



## GALERIA DIPLOMATICA



**RAFAEL MARIA ARIZAGA**

Ministro do Equador

# CAÇA A'S PACAS

PAGINA DE  
URBANO DUARTE

O meu vizinho Gustavo não gosta de theatros, nem de pagodeiras, nem de comes e bebes. O seu supremo e unico prazer consiste em caçar pacas.

Aos domingos e dias feriados, invariavelmente, elle sae de casa pela madrugada, com botas, chapéo de lebre, saccola ao lado, espingarda embrulhada e acompanhado por dois cães attrelados.

E vae-se por esse reconcavo da Guanabara á porfia das pacas.

Tudo péga.

Eu raciocinava assim: Si esse homem acha prazer tão grande em matar pacas, é porque deve ser coisa boa.

E veio-me um desejo enorme de experimentar a nova emoção. N'esta vida cumpre aproveitarmos soffregamente os gozos que se nos deparam, para compensar os pezares que apparecem sem ser chamados.

Manifestei a minha vontade ao Gustavo. Elle acolheu-a sem alacridade, exclamando:

— Amanhã mesmo vamos caçar no Burity!

— Ha lá muita caça?

— Paca ali é matto! Aprompte-se. Partiremos ás 4 da manhã.

No dia seguinte, domingo, antes do rajar da aurora, embarcavamos ambos, e mais os dois cães, em um carro da Estrada de Ferro do Norte, na estação de S. Francisco Xavier.

Eu tinha tomado por emprestimo um par de botas de montaria, a um amigo que calçava o n. 39, sendo 41 o meu ponto.

A principio, as botas me couberam perfeitamente, como uma luva; o calçado apertado é traiçoeiro, só começa a nos martirizar o pé tempos depois, quando menos o esperamos.

Foi o que me succedeu. Os canhões de couro, sem elastico, puzeram-se a maguâr-me o ossinho do artelho, justamente quando o Gustavo, risonho e influido, me narrava as suas proezas venatorias por aquellas redondezas.

O vagon era em feitiço de bond.

No momento em que o trem, nas alturas da Penha, fazia uma curva, recebemos em cheio um violento golpe de vento vindo do mar.

Os nossos chapéus voáram.

O meu companheiro, um tanto aborrecido com aquelle incidente inesperado, recuperou logo a sua jovialidade, e disse, — Isso não é nada! Arranjaremos outros chapéus.

— Contanto que a caça seja boa, o mais pouco importa — retorqui eu, fingindo não me incomodar com o contratempo.

— Affirmo-lhe que hoje jantaremos paca assada!

— Pois então vae tudo bem.

Descemos, na estação do Actura, onde só ha duas ou tres choupanas.

O Gustavo procedeu a uma rapida pesquisa, a vêr si descobria dois chapéus velhos. Voltou desenganado e triste. Os habitantes tinham saído.

— E agora? O sol já queima...

— Ora, adeus! articulei com gesto despachado e resolutivo. Você não tem expediente. Tenho aqui os jornaes do dia. Arranjemos dois chapéus armados e está salva a patria!

E com as folhas confeccionamos os chapéus armados.



— E então? Parecemo-nos com os generaes Roberts e Kitchner á caça dos boers...

O Gustavo, pequeno de estatura, collocou o seu transversalmente á moda de Bonaparte; e mettido nas enormes botas apresentava figura assás ratonica.

Crismei-o de «Napoleão das pacas».

Entretanto, cada vez me doiam mais os pés, sob a pressão do couro.

Perguntei: — Quanto dista daqui ao rio Burity?

— Meia legua, si tanto...

— Oh! com seiscentos! Neste caso vou tirar as botas.

— Não faça isso, contestou o Gustavo. Ha muito espinho e muita cobra. Andemos devagarinho. Não temos pressa.

Os raios solares nos castigavam o rosto, incompletamente abrigados pelos improvisados cobre-cabeças.

De repente o Gustavo disse:

— Ah! Tenho uma boa idéa. Transformemos estes chapéus armados em toucas de irmãs de caridade. Tem abas mais largas.

Sentando-se ao meio da estrada, deu umas tantas dobras nas gazetas e as transformou em «andorinhas» das uzadas pelas religiosas de S. Vicente de Paula.

Seguímos caminho.

Os bois olhavam para nós com espanto; os burros empinavam as orelhas e fugam á disparada.

— Comtando que matemos caça... (dizia eu), tudo vae bem.

— Havemos de jantar hoje paca assada, garantiu-me o Gustavo pela decima vez.

Chegamos finalmente ao riacho Burity. Gustavo lá encontrou o seu canoeiro. Soltou os cães. Nós entramos para o batel.

— Sente-se no centrro da canôa e não se mexa. Qualquer movimento em falso faz virar a canôa.

Obedeci a determinação.

De sorte que desde ás 9 da manhã até ás duas da tarde, cinco longas horas, permaneci de cócaras ao fundo da canôa, os pés em fogo, na cabeça a touca de irmã de caridade, espingarda em punho, á espera que a paca, acossada pelos cães, viesse atirar-se ao rio.

Nem sombra!

Quando, não podendo mais, eu bolia com o corpo, o canoeiro gritava: Não se mexa, patrão!

A' volta resolvi vir sem chapéo. Caminhava dois minutos e descansava cinco.

E á noite, em casa, para descalçar as malditas botas, foi necessario escorar-me á parede e pedir o auxilio de toda a familia.

Urbano Duarte

OKASKA — Fallou em collega...

SAULO — Collega de imprensa... Hoje só ha grandes economicos na imprensa... o senhor forçosamente é um jornalista.

OKASKA — No Japão nunca trabalhei em jornal.

SAULO — E'... mas aqui terá de entrar para uma associação de imprensa (ri). No Brasil todo mundo é jornalista... Principalmente os estrangeiros...

OKASKA — E o senhor veio, naturalmente, convidar-me para isso?

SAULO — Não senhor... Vim entrevistá-lo em nome do «Correio Nacional».

OKASKA — Oh!... Faça o favor... (offerecendo o banco de páu). Queira sentar. Estou ás suas ordens.

SAULO (sentando) — O senhor chega a proposito. O momento nacional é de grandes economias e ninguem melhor que o professor poderá aconselhar-nos um methodo para restabelecermos a ordem nas finanças do paiz.

OKASKA — Direi... Com licença. Primeiro vou apagar esta vela... (sopra a vela e ficam as escuras). E' uma despesa inutil. Estamos aqui para conversar e não para olhar um para o outro...

SAULO — Perfeitamente...

OKASKA — No meu paiz, onde me conferiram as maiores distincções, inclusive a de grão mestre da Ordem da Unha de Fome, os meus processos de economia constituem o verdadeiro segredo da prosperidade nacional. A economia é uma tradição na minha familia. O primeiro japonês que construiu uma casa sem prégo foi um Okaska. Foi ainda um Okaska o inventor do paosinho para comer arroz, economizando o talher... O trabalhador japonês é temivel no mundo inteiro, pela concorrência. Elle gasta pouco e por isso mesmo se contenta com o salario baixo. O primeiro a empregar esse processo de educar o trabalhador na economia foi um antepassado meu, que chegou á perfeição de não pagar os empregados.

SAULO — Preferimos ouvir-o sobre os seus methodos pessoais de economia, para aconselhar ao governo a adopção.

OKASKA — O Estado deve ser dirigido como se fosse uma casa particular. Dahi a perfeita adopção dos meus methodos á administração publica.

SAULO — Muito bem.

OKASKA — Acabo de ler no jornal uma censura ao Director da Central do Brasil, pelo facto de ter exigido em concorrência que os espanadores de automovel fossem de luxo, marca «Imperator»...

SAULO — Um desperdicio. Qualquer espanador serve para o serviço publico...

OKASKA — O espanador é uma inutilidade, anti-economica. Na minha casa não uso espanar os moveis...

SAULO — Para economisar o espanador...

OKASKA — Para economisar o papel. Faço as minhas contas, riscando na poeira com a ponta do dedo.

SAULO — E ainda economisa o lapis...

OKASKA — Imagine esse processo adoptado nas repartições publicas! Quanto não se

gasta com material para expediente!

SAULO — Continue professor...

OKASKA — Adoptar o telegrapho sem fio... O fio de cobre custa hoje muito caro... Além disso a economia dos postes...

SAULO — Continue...

OKASKA — Supprimir a liberdade da imprensa.

SAULO — Como?! E' favoravel a esse retrocesso nas nossas conquistas liberaes?

OKASKA — Que duvida!... Por economia. No dia em que o governo não puder ser atacado, tambem não poderá ser «mordido»... pelos «amigos» do thezouro, que vivem de defendel-o... Só isso acabará com o «deficit»...

SAULO — E'... Parece á primeira vista um paradoxo, mas é uma verdade...

OKASKA — Que duvida! Veja a Russia.. Está nadando em ouro...

SAULO — Continue professor...

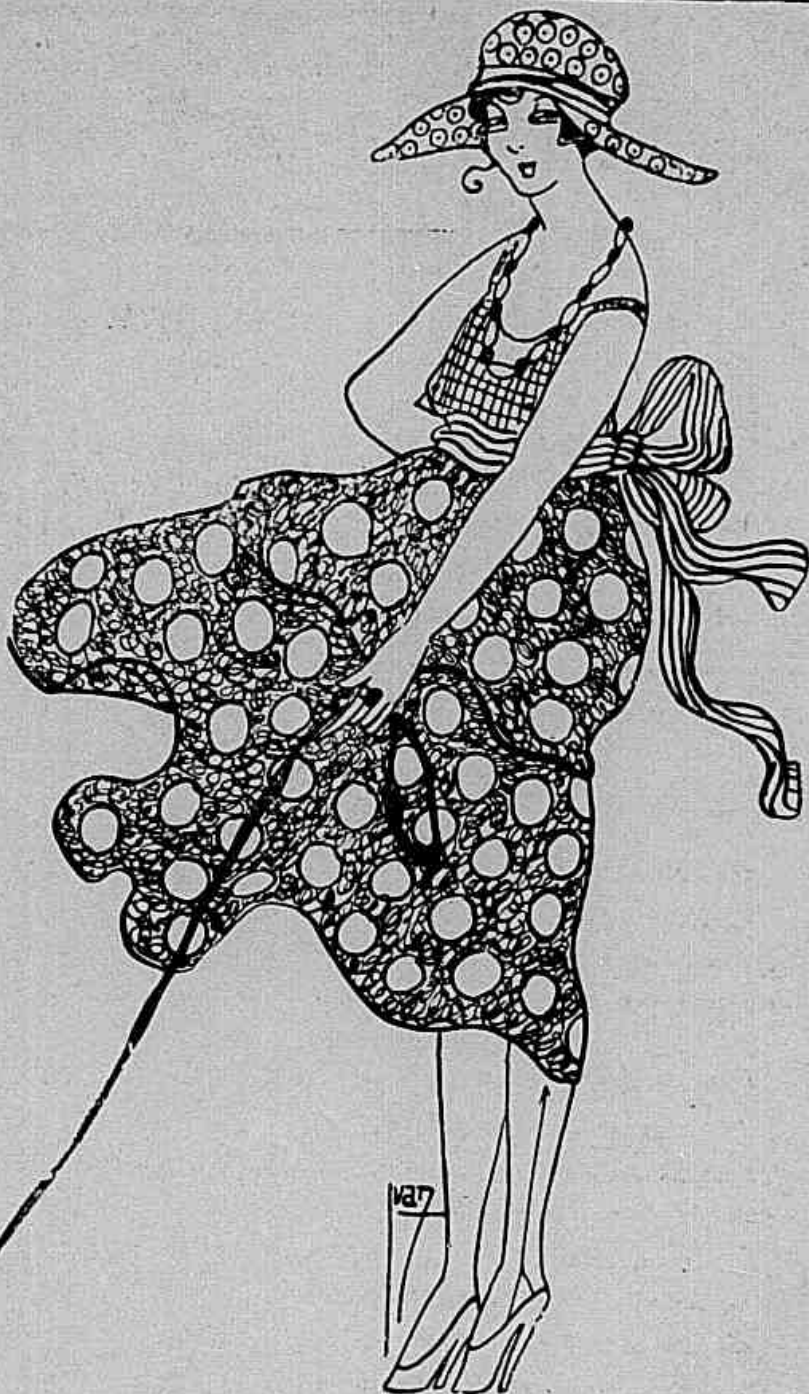
OKASKA — Reduzir ao minimo os vencimentos dos functionalismo publico. O ideal seria até atrazar o pagamento 1 anno ou mais... Compraria o governo, depois, com desconto as cautelas da divida... Sem contar com a lição de economia aos seus servidores... O homem que não ganha não pode gastar... assim como o homem que não gasta é forçosamente um economico...

SAULO — Continue...

OKASKA — Por hoje basta... Costumo dormir cedo... para economisar a ceia... Querendo pôde voltar amanhã e então proseguirei na exposição do meu methodo... O senhor naturalmente quererá redigir as suas notas.

SAULO — Não é preciso... Não vale a pena gastar

Concl. em «PORTIHS»



THEATRO BOCCACIO

## SÁULO, O ECONOMICO

Comedia em prologo e 1 acto, de  
JAN RICHOPA

Personagens: Saulo, o economico, redactor do «Correio Nacional». — Secretario. — Um continuo, João. — Okaska — Philosopho japoniez, professor de economia de palitos.

## PROLOGO

7 horas da noite — na redacção do «Correio Nacional». — No gabinete do Secretario.

## SCENA I

## O Secretario e o Continuo

O SECRETARIO (acabando de rubricar umas tiras de reportagem, levanta a cabeça, colloca os oculos que estavam trepados na testa e bate nervosamente no tympano, sobre o bureau) — João?!...

O CONTINUO (apparecendo á porta) — Prompto «seu» doutor!...

O SECRETARIO — «Seu» Sâulo está ali?

O CONTINUO — Está, sim senhor...

O SECRETARIO — Que é que elle está fazendo?

O CONTINUO — Está sentado...

O SECRETARIO — Escrevendo?

O CONTINUO — Não senhor... Está rachando os phosphoros, para fazer duas caixas, em vez de uma...

O SECRETARIO (entregando um maço de tiras) — Leve isso... e peça a «seu» Sâulo para vir aqui.

O CONTINUO (tomando as tiras) — Sim, senhor, (sae).

(O Secretario torna a levantar os oculos, abaixa a cabeça sobre a papelada e continua a rubricar o serviço da reportagem).

## SCENA II

## O Secretario e Sâulo

SAULO (entrando) — Prompto!... Mandou-me chamar?

O SECRETARIO (suspende a cabeça e abaixa os oculos) — Olhe, Saulo... Você já leu os jornaes da tarde?

SAULO — Ainda não... Estou esperando que a Santa Casa acabe de tirar a nota do matadouro...

O SECRETARIO — Bem... Não importa. Você vai entrevistar o Dr. Okaska que acaba de chegar ao Rio... Está hospedado num 2º andar no becco do Cotovello, numero 317... Quarto particular...

SAULO — Entrevistar? Sobre?...

O SECRETARIO — Sobre os seus processos de fazer economia... Elle é uma notabilidade no assumpto. No Japão é professor de economia de palitos e grão-mestre da ordem da Unha de Fome. Deve ser interessante ouvi-lo. Vem a proposito... O Congresso anda á procura de conselhos para debellar o «deficit» do orçamento... Entreviste-o e faça um nariz de cêra...

SAULO — Nariz de cêra? Sobre?

O SECRETARIO — Ora... Sobre os esbanjamentos da nossa administração... Metta o oído...

SAULO — No japoniez?

O SECRETARIO — No governo.

SAULO (economisando uma interrogação arregança uma palpebra e esfrega o indicador no pollegar) — Isso...

O SECRETARIO (enchendo um vale) — Dez mil réis... Deve chegar... Reciba na Caixa...

SAULO — Tem bonde para lá? (toma o vale).

O SECRETARIO — Quem falou em bonde? O vale é para o automovel.

SAULO (mettendo o vale no bolso) — E' que se tem bonde eu não vou de automovel. E' perigoso... Posso ser atropellado... Esses bondes estão ficando malucos...

O SECRETARIO — Vá, de aeroplano ou de gatinhas... O que é preciso é fazer a entrevista para hoje, antes de 11 horas, para pegar a 3ª. pagina...

(Saulo sae — O Secretario suspende novamente os oculos e abaixa a cabeça, continuando a rubricar o serviço — Silencio, apenas quebrado pelo tilintar do telephone e pelo bater, distante, das linotypos. Panno.

## ACTO UNICO

No quarto onde está hospedado o Professor Okaska. Mobiliario simples — Uma cama de ferro, sem colchão, sem travesseiro. Um banco e uma mesa de madeira. Sobre esta uma vela espetada numa garrafa. Ao canto um lavatorio de ferro, com uma bacia e um jarro de agate. Sob a cama um sacco de viagem. Uma porta fechada e uma janella aberta, 8 horas da noite.

## SCENA UNICA

Okaska, com um kimono vestido sobre a pelle, está á janella tomando fresco, quando batem á porta).

OKASKA — Quem é?

SAULO (do lado de fóra) — Um collega...

OKASKA — Um collega?... «Vacarimacêna!» (em japoniez quer dizer: não comprehendo). Espere ahi que já vou abrir. (risca um phosphoro, accende a vela e abre a porta.

SAULO (entrando no quarto) — Boa noite, professor.

OKASKA — Boa noite... O senhor é tambem professor...

SAULO — Humilde discipulo de V. Ex.

O HUMORISMO NO SERTÃO

## ADIVINHAS

Página de Leonardo Motta

Um dos divertimentos mais em voga no sertão cearense são as adivinhas. As charadas aparecem apenas nas rodas de calçada das villas e cidades. As adivinhas figuram indistinctamente, quer no terreiro das choupanas ou no pátio das fazendas, por noites enluaradas, quer nas pequenas rodas sociaes das povoações sertanejas.

Assisti, vezes sem conta, a esses rudimentares torneios de espirito. Aqui estão algumas adivinhas das por mim colligidas.

- Que é que todos dão e carpina faz?
- «E' cavaco».
- Que é que corre no matto e no limpo esbarra?
- «E' fogo».
- Que é que cae em pé e corre deitado?
- «E' chuva».
- Que é que o pobre bota no matto e o rico ajunta?
- «E' catarrho» (o rico ajunta no lenço).
- Qual é o bicho que tem a mão fóra do corpo e tem a bocca no cocoruto da cabeça?
- «E' pilão».
- Que é que anda com os pés na cabeça?
- «E' piolho».
- Que é que pode mais do que Deus?
- «E' cachaça, porque Deus dá juizo e cachaça tira».
- Que é que se bota na mesa, se parte e se reparte, mas não se come?
- «E' baralho».
- Qual é o bicho que não tem costella e só tem socavão?
- «E' Kago» (Kágado).
- Qual é o bicho que a gente caça e não tem vontade de achar?
- «E' buraco de tarrafa».
- Qual é o bicho que tem carne por fóra e couro por dentro?
- «E' moella de gallinha».
- Qual é o bicho que tem os beiços fóra da bocca?
- «E' forno».
- Qual é o bicho que come pelos pés e «descome» pelo espinhaço?
- «E' cipio de carapina».

— O que é que quem faz não quer, quem quer não vê, e quem vê não deseja?

— «E' sepultura».

— O que é que Deus nunca viu, o Rei vê lá uma vez ou outra e o homem vê todo dia?

— «E' seu semelhante».

— O que é que cru' não há e co-sido não se come?

— «E' cal».

— O que é que trabalha p'ra poder nascer?

— «E' pinto», porque tem de romper a casca do ovo.

— O que é que o homem faz e Deus não fez?

— «E' cuia», porque Deus só fez a cabaça.

— Qual é a primeira coisa que o boi faz quando o sol se levanta?

— «E' sombra».

— Qual é a ave que não tem penna?

— «E' a Ave-Maria».

— O que é que quando entra em casa fica com a cabeça de fóra?

— «E' botão».

— O que é, que é?

Somos diversos irmãos,

Moramos num arruado;

Quando um de nós erra a casa,

Todos nós vamos errados.

— «E' botão».

— O que é, o que é: açude de barro, sangrador de pau?

— «E' cachimbo».

— O que é, o que é?

Nagua nasci,

Nagua me criei;

Si nagua me botarem,

Nagua morrerei.

— «E' sal».

— O que é, o que é?:

São duas irmãs no nome

mas não são no parecer,

A primeira a gente come,

A outra serve p'ra «comer»...

— «E' lima».

— O que é, o que é?:





# O PARASITA

Conto de C. FRANCO



Era uma victima, a pobre Dona Zézé. Desde que se ligara, quasi menina, ao Onofre Souza, a vida lhe fôra um tormento. Preguiçoso e cynico, o rapaz, confiado no sogro, nunca mais cuidou de trabalhar. Mettido em casa, almoçava, jantava, e, á noite, ganhava a rua. E se pegava algum dinheiro por cima das mesas ou nas gavetas, lançava a mão, sem perguntar, siquer, a sua proveniencia.

Honesta por indole, Dona Zézé comprehendeu que era a ella, e não ao marido, que competia o sustento da casa. O companheiro que arranjava, tornara-se para ella mais uma carga do que um auxilio. Não mal-dizia, entretanto, o destino, pois possuia forças para trabalhar na machina de costura das seis da manhã ás oito da noite, arrancando, d'ahi, o aluguel da casa, o vestuario e o pão de cada dia.

Outra mulher, por mais compas-siva, teria abandonado aquelle marido, que para nada servia. Dona Zézé ama-va, porém, o Onofre, daria a vida por elle, e era esse amor, essa pai-xão, essa loucura pelo miseravel que lhe dava forças, coragem, enerrgia, para fazer o que fazia.

Aquella actividade, dia e noite, havia porém, de ter as suas consequencias. E teve-as, no es-tado, de saude da pobre moça, que, com menos de vinte e cinco annos, estava transformada numa ver-dadeira ruina.

Abatida, magra, pallida, Dona Zézé chamou o marido:

— Olha, Onofre, você amanhã vae commigo ao medico.

— A que medico?

— A qualquer um. Eu quero saber a molestia que tenho. Não te incomodes com o dinheiro da consulta, que eu tenho.

No dia seguinte, á tarde, en-travam os dois no consultorio do Dr. Mac-Dowell, na Avenida. Após uma hora de espera, determinada pela affluencia de clientes, foi Do-na Zézé recebida pelo clinico, e

explicou o seu caso. Sentia, ha tem-pos, umas dôres lombares, que se foram accentuando, até se fixarem num cer-to ponto.

— Faça-me o favor de pôr-se á vontade. Tire o seu vestido, o seu col-lete, para um exame de Raios X.

E, momentos depois, o apparelho estalava no escuro, fazendo sahir faiscas para todos os lados, como um grande phosphoro mal riscado. Ao fim, e com a moça vestida, o medico participou-lhe:

— Minha senhora, eu tenho o dever de dizer-lhe que não poderá mais trabalhar na machina de costura. A senhora está com um tumor se for-mando na espinha, de modo que a posição, na machina, impediria qualquer esforço no sen-tido da cura.

— Oh, doutor! — fez a moça, desolada.

— E agora como vou eu viver?

O silencio do medico era significativo. Con-vinha, pois, appellar para o marido, a ver se elle se compadecia do seu estado. Virou-se para elle:

— Ouviste, Onofre, o que o doutor disse? Tem pena de mim; não passes mais a vida nas minhas costas!

E essas palavras, o miseravel, que não percebera o sentido do que lhe dis-sera a mulher, ficou todo vermelho.

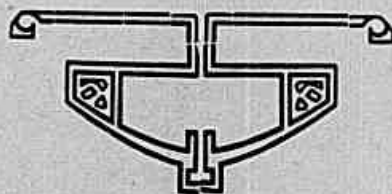
— Nas suas costas? Viver nas suas cos-tas? — rugiu.

E numa explosão de estupidez:

— Onde quer, então, que eu viva, se você tem outro tumor no figado?

E sahiu, batendo a porta.

C. Franco



# A CONVERSÃO

CONTO DE  
ODETTE PANNETIER

Trad. d'A MAÇA

O conhecimento de Lucette com Eduardo havia sido feito em estranhas circunstâncias.

Era um «dancing» da moda, faiscante de luzes, e fervilhante de mulheres, semi-nuas, ardentes de desejo e do calor. Elle dançava com uma dama gorducha, não feia de todo, e coberta de joias. Lucette olhava-o, achando os seus olhos lindos, e doce, o seu olhar. De repente, ella o viu tirar, num «passe», a «barrette» de diamantes do seu par, e fazel-a desaparecer no bolso, sem que ninguém tivesse dado por isso. Lucette, apenas, havia visto. E ia levantar-se, gritar, pedir que se prendesse o ladrão... Prevenido, porém, por qualquer presentimento, elle fixa o olhar na rapariga... Ella estremece. Elle ficou vermelho, piscou as palpebras nervosamente, como envergonhado. Lucette havia visto, mas não queria crer. Elle tinha olhos bonitos demais para ser um ladrão.

Quando a dança acabou, admirado de que ella nada houvesse dito, e estranhando não estar preso ainda, Eduardo, comprehendendo o seu prestigio de homem bonito, encaminhou-se para Lucette.

— Por que a senhorita não me denunciou?

Lucette sorriu, corou. Era ella que estava envergonhada.

— Quer me dar a honra deste tango?

Ella acceitou. Elle a comprime, doce, de encontro ao seu corpo. Ella não impede, absolutamente, que elle a estreite cada vez mais. E sem uma palavra mais sobre o assumpto, elles passaram, juntos, essa noite, e mais as noites que se seguiram.

Jamais Lucette teria imaginado que pudesse, um dia, amar um ladrão. Ladrão! Eduardo era um ladrão. Ella o sabia; ella possuía provas e não uma só. O rapaz não tinha, mesmo, segredos, mostrando-lhe cynicamente o producto das suas expedições fructuosas, de volta dos «dancings» e dos grandes «restaurants» elegantes. Lucette chorava, supplicava que elle renunciasse á sua infamia. Quando estava de bom humor, elle zombava d'ella docemente, acalmado os seus escrúpulos com a promessa de um dia apaixonado. Si, porém, apesar disso, a rapariga permanecia aborrecida, dois ou tres sopapos bem applicados eram o remedio prompto, e seguro, para acabar com a situação. E Lucette continuava com elle, consciente da sua vergonha.

Toda «chance» tem, porém, o seu termo. E a de Eduardo ia tendo o da sua, por obra de um «groom» estúpido, que, percebendo um gesto suspeito, o havia denunciado. Para escapar, teve o rapaz de fugir precipitadamente, só tomando folego quando um taxi providencial rodava, com elle, distante do logar do delicto.

Em caminho, poz-se a reflectir. Pela primeira vez, a profissão que elle levava pareceu-lhe sem encanto. E foi então quando se resolveu a pensar em Lucette, essa pobre creatura que o amava tão ternamente, e que elle arrastava, innocente, para tão miseravel destino!

Lucette! Elle a reviu, loura, «potelée», com o seu doce olhar commovido e resignado. Lucette! Sim, por ella, como por si mesmo, elle devia tornar-se um homem honesto. A coragem, a confiança em si mesmo, renascia. Por que elle não trabalharia, ganhando o seu pão? O roubo não era, tambem, um trabalho, mais fatigante e penoso do que

os outros? Por que, então, não trabalhar de maneira mais honrada, sendo, por exemplo, um empregado de administração, como tanta gente? E seria Lucette que ficaria contente, por poder amar, enfim, sem remorsos o seu amante, e poder sahir, orgulhosa, pelo seu braço!

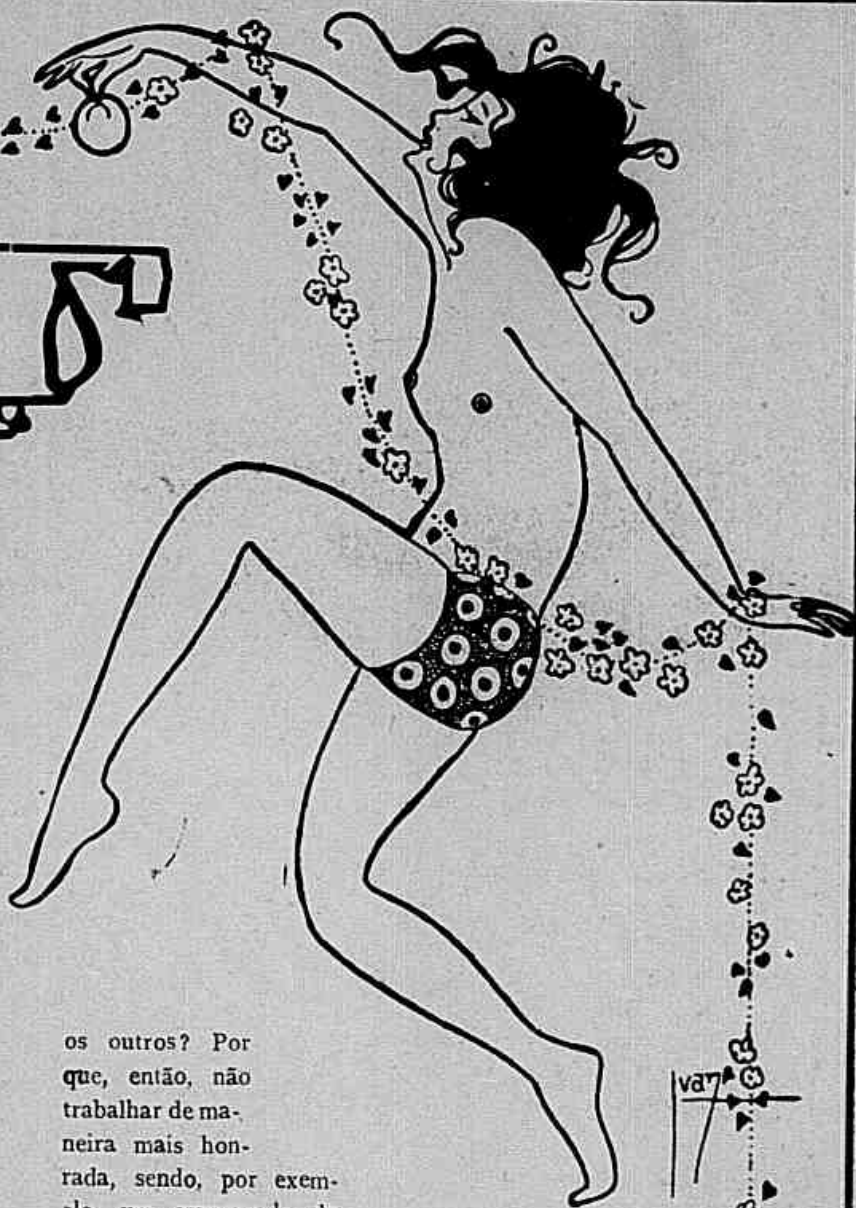
O que o amor e as supplicas não haviam conseguido, o medo conseguira. Eduardo renunciava ao seu perigoso meio de vida, para trabalhar, como todo homem de bem. Subindo os degrãos quatro a quatro, elle abriu a porta, precipitando-se aos pés de Lucette, que o recebeu espantada. Mergulhou a cabeça nos seus joelhos amigos, e soluçou, tomado da mais sincera emoção:

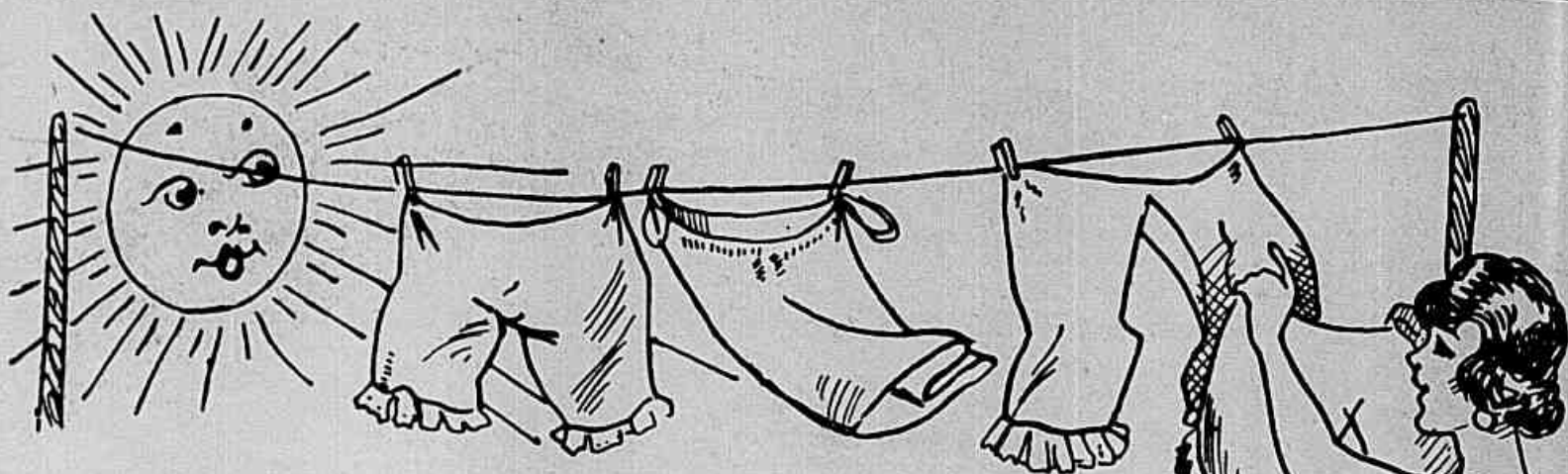
— Lucette!... Lucette... tudo acabou... Eu não quero mais ser um ladrão... Vou ser um homem de bem... Lucette, meu amor! alegra-te... Ficas agora contente... Não é?... Fala!... Dize!...

Lucette não dizia nada. Olhou o amante com serenidade, e viu, nos seus olhos, que elle era sincero, e que o bandido acabava de morrer nelle. Pensou nos jantares finos, nos vinhos caros, nos vestidos custosos que elle não lhe daria mais... Dominou, porém, esses pensamentos, e, tomando nervosamente a cabeça de Eduardo, beijou-a com furia, assegurando-lhe o seu amor, a sua sinceridade, o seu perdão.

Pela primeira vez, porém, ella sentiu, no fundo da sua alma, que o despresava...

Odette Pannetier.





A carne da moça é dura,  
Mais dura é quem a furou;  
Metteu o duro no molle,  
O duro dependurou.

— «E' brinco de orelha».

— O que é, o que é?:

A mãe é verde,  
A filha é encarnada;  
A mãe é mansa,  
A filha é damnada.

— «E' pimenta».

— O que é, o que é?:

Verde foi o meu nascimento  
Mas de luto me cobri,  
Para dar gosto no mundo  
Pelos ares me sumi.

— «E' fumo».

— O que é, o que é?:

Com capa não anda,  
Sem capa não pode andar;  
Para andar bota-se a capa,  
Tira-se a capa p'ra andar.

— «E' pião».

— O que é, o que é?:

Quatro no baralho,  
Uma na madeira,  
Outra no salão,

A setima ninguem queira.

— «E' dama». (As quatro do baralho são as cartas; a da madeira é o jogo de «Dama», a do salão é a donzella; a setima que ninguem queira é a «militriz»...)

— O que é, o que é?: pé redondo, rasto comprido...

— «E' carro».

— O que é, o que é?: pé comprido, rasto redondo...

— «E' compasso».

— Qual é o bicho de quatro pés que, quando presta serviço á gente, a gente vira as costas p'ra elle?

— «E' cadeira».

— O que é que nagua não se afoga e no fogo não se queima?

— «E' sombra».

— O que é, o que é?: somos sete irmãos, todos vão á feira, menos dois. Quaes são?

— «Sabbado e domingo».

— O que é, o que é?:

Torto assim, mas assim torto,  
Roubo a vida ao mais direito...  
Sem ser de veneno feito,  
Quem me engole fica morto;  
Dou sustento, dou conforto  
Com mortífero apparato;

Dos mortos faço meu fato

E tenho condição tal

Que, solto, não faço mal,

Mas, quando estou preso, mato.

— «E' anzol». (Esta adivinha, ouvi-a de Luiz Dantas Quesado, que a attribuiu ao poeta popular pernambucano Manoel Leal).

— O que é, o que é?:

Cincoenta e cinco soldados,

Todos cabem numa mão;

Os cincoenta pedem «ave».

Mas os cinco pedem «pão».

— E' um terço de orações.

— Qual é o bicho que morre em pé?

— «E' vela».

— O que é que a gente planta de olho p'ra cima, mas não nasce?

— «E' defunto».

Afora as adivinhações existem as perguntas enigmáticas como esta:

— Cumpade, eu levei um gallo p'ra villa e não deixei elle lá, nem truxe. Cumo pode tê sido isso?

— «E' porque você capou elle. Elle foi gallo, mas voltou capão».

No destrinçamento de parentescos e no arranjo de problemas difficeis sobre os mesmos os matutos são de surpreendente habilidade:

— Cumpáde, o que é que ocê é da sogra da muié de seu irmão?

— «Nada».

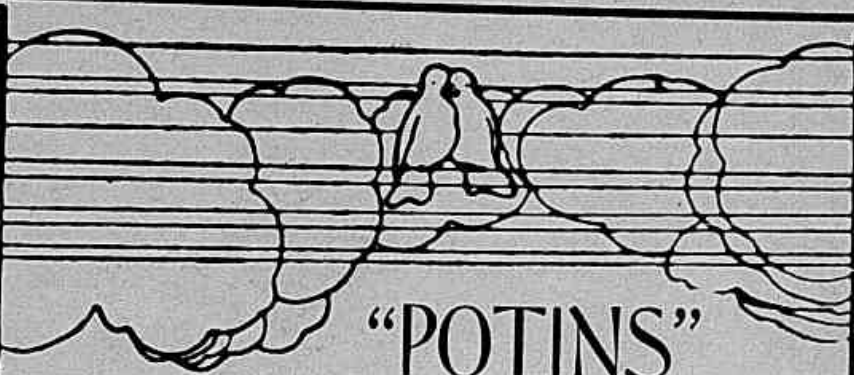
— Nada, não! Ocê é mas é fio...

— Pois, cumpáde, me responda cumo pode tê sido isso: duas irmã tavam conversando. Uma dellas disse por aqui assim, — «Prima, lá vem nossos paes, maridos de nossas mães, paes de nossos filhos, nossos maridos legitimos!»

— .....

— Não sabe? O' home! Foi assim: — duas irmã, casada todas duas, morrerô e cada qual deixou uma filha. Os viuvos se casáro, cada qual com a filha um do outro. Uma dellas é quem diz o que eu disse: — Prima, lá vem nossos paes, maridos de nossas mães, pae de nossos filhos, nossos maridos legitimos!»

Leonardo Motta



## "POTINS"

### A «vasante» dos cinemas

O dr. Galeno Martins havia entrado no Pathé, e procurado o seu lugar nas varandas, em cima, quando um amigo, que se achava na cadeira vizinha, se voltou:

— Os cinemas estão ficando sem concorrência... Não acha, doutor?

O dr. Galeno passeou em torno a lanterna do «pince-nez» de aros de tartaruga, e confirmou:

— E' verdade. Mas, também, é natural.

E sentenciou:

— Trez quartas partes das pessoas que vêm ao cinema, são constituídas ou de maridos enganados, ou de senhoras levianas. Ora, como os «films» americanos tratam, em geral, de casos de adultério, de casos desagradáveis ocorridos uma vez, pelo menos, na vida da maior parte dos espectadores, é natural que estes evitem, quanto possível, assistir a esses episódios que lhes remexem na ferida que têm aberta no coração.

E ao ouvido do amigo:

— Dentro de pouco tempo, isto ficará quasi vazio...

(Concl. do "Theatro Boccaccio")

o papel e o lapis... Posso economisar isso tudo guardando de memoria os seus notaveis ensinamentos...

OKASKA — Então vou accender a vela para conduzi-lo. Pode esbarrar nos moveis... (ruído de caixa de phosphoros).

SAULO — Perdão... Professor... Faça o favor de esperar um minutinho, enquanto eu me componho...

OKASKA — Como?!... O senhor está despido?!

SAULO — Não senhor... Apenas arrijei as calças, aproveitando o escuro, para não gastar os fundilhos... Um minutinho (pequena pausa): Prompto!

OKASKA (accendendo a vela) — E o senhor ainda diz que é meu discipulo?!... Mestre é que é!... Nem mestre... Grão-mestre... (abrindo a gaveta da mesinha e retirando um collar de unhas). Tome as insignias... O seu a seu dono...

SAULO — Oh!!...

OKASKA (enfiando no pescoço de Saulo o collar de Grão-mestre da Ordem da Unha de Fome) — Eu te reconheço e te saúdo, Chefel... Saulo, filho!

Panno.

Jan Richora

### O burro «mortal»

O professor Austregesilo, da Academia, pos-sue em Petropolis uma «charrette», puxada por um burro. Agora, morreu-lhe o burro, e o illustre academico mostrava-se desolado.

— E' pena,—queixava-se elle ao professor Miguel Couto;—um burro tão bonito, morrer!

— Ah! você pensava que o seu burro era immortal?

E rindo:

— «Immortal» burro, ha alguns; mas burro immortal, não conheço nenhum!

### Honras militares

O illustre general, figura das mais brilhantes da sua classe, é enviado constantemente para fora do Rio, a serviço do governo. Bonito e talentoso, é, naturalmente, requestadissimo por onde passa, justificando, com isso, os ciumes de madame.

Da ultima vez que esteve fóra, madame, no dia do regresso, interpellou-o:

— Mas, fulano, dize-me com franqueza: tu te conservaste puro todo esse tempo?

— Oh, filha, que pergunta!?...—desculpou-se o grande soldado.

E com seu fino espirito:

— Você pensa que, por ser mulher de general, tem direito a «continencia»?

E fechou-lhe a bocca, com um beijo.

### Clinica Medico Cirurgica Doenças do Rectum e Anus

Tratamento especial indolor das

### HEMORRHOIDAS

SEM OPERAÇÃO

♦♦♦ EXAMES ENDOSCÓPICOS ♦♦♦

**Dr. Raul Pitanga Santos**

Rua do Passeio n. 56 — Sob.

Cons. de 1 ás 4 horas

— Qual!... Para ser  
popular e querido  
não é preciso ser o  
Dempsey nem o  
Rodolpho Valentino;  
basta que a gente  
se vista

na

*Capital*





# Galho DE URTIGA

## Inconvenientes da popularidade

Leopoldo Fróes é, sem duvida, dos nossos artistas, o mais popular. A sua passagem pelo «Trianon», deu-lhe a notoriedade que merecia, tornando-o uma das figuras mais conheridas da cidade.

Ha dias, ia o creador do «Simpathico Jeremias» pela Avenida, quando um cavalheiro apressou o passo, tomando-lhe a frente.

— Oh, meu caro Fróes, como vae isso? Como está você? — foi o sujeito exclamando, numa familiaridade risonha.

— Oh, meu caro amigo! como está? Ha quanto tempo!...

— fez Fróes, sacudindo-lhe a mão, com a mesma alegria.

E logo, desmastreando o admirador:

— Como é seu nome? Heim?

## Duêllo de mestres

A segunda sessão d'este mez, na Academia de Letras, decorreu animada e brilhante. Havendo o sr. Lauro Muller insinuado que, com as despesas actuaes, teria a Academia de supprimir, talvez, o «jeton», o sr. conde de Laet aparteu, travando-se, entre os dois, o seguinte dialogo, que é um verdadeiro duello a florete:

«O SR. C. DE LAET — Por que V. Excia. não propõe a suppressão do subsidio no Senado, para concertar as finanças nacionaes, que estão peiores que as da Academia?»

O SR. LAURO MULLER — Porque o regimen do «deficit» não é uma innovação republicana. Vem do Imperio, do tempo em que V. Excia. era deputado. Ferreira Vianna já dizia que o Imperio era o «deficit».

O SR. C. DE LAET — Mas os «deficits» de todo um reinado não attingiram o de um anno da Republica.

O SR. LAURO MULLER — E' natural. A Republica é o progresso. Desenvolveu tudo que a Monarchia nos legou!»

Que falta faz, na Academia, um bom stenographo!...

## Vingança de preterida

A primeira noticia do acontecimento appareceu em um jornal da manhã. Ao lel-a, a formosa creaturinha esfregou os olhos, como quem duvida de si mesma. Seria possivel que, após tantas promessas, tantas juras, aquelle leviano fosse pedir em casamento outra moça? E logo quem!...

A' tarde, encontraram-se as duas, no chá dos Diarios. Mlle. procurou approximar-se da noiva.

— Então, que foi isso? Vaes casar com... (disse o nome).

— E' verdade. Eu ia comunicar-te.

Mlle. ficou vermelhinha, e aggrediu:

— Mas, afinal, por que isso?

— Isso o que?

— Que mal elle te fez, para te vingares assim... casando com elle?

Acabou tudo em choro.

## Os pleitos da belleza

Alice Grumbach, franceza, de origem grega, que foi a victoriosa no ultimo cencurso de belleza realizado em França, disse, quando entrevista-da pela commissão julgadora, que a sua belleza epidermica, lhe proveio

do uso do creme de cera purificado da Soc. Frank Lloyd. Convem notar que é a França o paiz onde o culto á belleza está enraizado em todas as classes sociaes; bastando recordar que no concurso em que sahio triumphante a linda Alice se apuraram 2.758 343 votos, dos quaes coube á victoriosa 1.533.421!!!

## O banquete do Procopio

Rosto chupado, olhos mortos, Procopio Ferreira appareceu um destes dias no «Trianon», com todos os caracteristicos de uma noite mal-dormida.

— Amores? — interrogou o Viriáto.

— Qual, nada! Um banquete! Havia um gallinha e um presunto, e não ficou senão o que era osso.

— Quantas pessoas á mesa?

— Eramos tres, e acabamos sendo uma só.

— Quaes eram as tres?

— Eu, a gallinha e o presunto!

E fez uma careta, num engulho.

## Syphilis? Só LUETYL

LICOR — CAPSULAS — INJECCÕES





**Ouro é  
o que ouro vale!**

**Procurae, por isso,  
adquirir sempre em  
mercadoria, o valor  
do vosso dinheiro.**

**Os clientes da  
NOTRE DAME DE PARIS  
AO 1.º BARATEIRO  
A' BRASILEIRA**

**sabem, praticamente,  
que o que **compram**  
vale o que **pagam!****

**Porque não o saberá  
também V. Ex.ª?**

Com o uso do

# “SANGUINOL”

no fim de 20 dias nota-se:

- 1.º — Levantamento das forças com volta do appetite,
- 2.º — Dessaparecimento completo da insomnia e nervosismo.
- 3.º — Combate a anemia e o emmagrecimento e a fraqueza de ambos os sexos.
- 4.º — Augmento do peso variando de 1 a 3 kilos.
- 5.º — Completo restabelecimento dos organismos enfraquecidos e convalescentes.
- 6.º — Maior resistencia para o trabalho physico e augmento dos globulos sanguineos.

Para as mães que criam é um bom tonico; para as creanças ajuda ao desenvolvimento e combate o rachistismo.

---

EM QUALQUER PHARMACIA OU DROGARIA

Nem Creme nem Pomadas

O que é preciso é depurar o Sangue, usando

# O “ELIXIR 914”

É u licor agradável de tomar, não ataca o estomago. É receita-do por centenas de medicos nas manifestações syphiliticas, rheumatismo, feridas, erupções em forma de eczemas de fundo syphilitico. E muito indicado com efficacia no tratamento da syphilis pela via gastrica. Duas colheres por dia das de sopa.

Com syphilis ninguem deveria contrahir matrimonio sem primeiro depurar o sangue.

---

VENDE-SE EM TODA A AMERICA DO SUL

# ARTIGOS DE CAMBIO A 12!!

Depois de um trabalho meticoloso de remarcação em todo o seu grande, variado, fino e chic "stock" de artigos especializados para homens, rapazes, cama e meza, continúa com firmeza e entusiasmo, a venda a preços excepçionaes para liquidação da antiga e acreditada

## CASA ESTRELLA

OUVIDOR 34

### A tainha

Ao sahir de casa uma d'estas manhãs, o Kalixto Cordeiro encontrou á esquina uma portugueza gorda, vendendo peixe. Como o bonde demorasse, o pae do «garoto» approximou-se do taboleiro, indagando:

- Quanto custa aquella tainha?
- Aquella? Quatro mil e quinhentos.
- Está fresca?
- O senhor não vê que até está viva?
- Isso não é razão,—obtemperou o Kalixto. — Por estar viva não quer isso dizer que esteja fresca.

E como a peixeira o encarasse:

- A senhora, por exemplo, está viva, e já não está fresca!

O frak do Kalixto ainda tem, hoje, escama de tainha.

### O menino modelo

O eminente homem de letras, que já é avô, possui, ainda, uns filhos pequenos, que chegaram tarde, e que são, na propaganda do pae, de uma educação irreprehensivel. Basta, na opinião d'este, um olhar, para que a creança corra a deitar-se, num admiravel sentimento de obediencia.

Querendo offerecer aos proprios filhos um modelo a imitar, outro homem de letras foi, com os seus pequenos, visitar o collega. A's nove horas, mais ou menos, a dona da casa ordenou a um dos seus pirralhos.

- Themistocles, meu filho, vá se deitar. O pequeno ficou trombudinho.
- Não vou! não vou! — respondeu, zangado.

E batendo com a mão direita, fechada, na esquerda, aberta:

- Só vou se eu quizer, está!
- E sentou-se no chão, embezourado.

## Banhos de mar em casa

(Saes extrahidos da agua do mar)

Vendem-se a 600 réis, nas principaes pharmacias e drogarias e na Rua 1.º de Março, 151 — Exijam a marca registrada onde se lê: "Banhos de mar em casa"; unicos analysados e recommendados por distinctos clinicos desta Capital.



## Photogravura "Imparcial"

TELEP. NORTE 7620

*Edgard Silva*  
PHOTOGRAVADOR

Rua da Quitanda, 59-3.º and.

(EDIFICIO D'O IMPARCIAL)

Machinismo movido a electricidade

Material de primeira ordem, da fabricante Ingles HUNTERS

ACCEITA  
EN COMMENDAS DOS ESTADOS.